Português

Sintaxe - Estilística - Recursos Semânticos - [Fácil]

01 - (FEPAR PR)

O texto a seguir, copiado de uma propaganda anunciada na revista "Isto É", de 06/09/2000, apresenta um recurso discursivo chamado "círculo vicioso" e servirá de referência para as questões 04 e 05.

"As pessoas estão mais inteligentes porque estão lendo mais o Estadão, ou estão lendo mais o Estadão porque estão mais inteligentes?"

Assinale a alternativa que NÃO conserva o sentido do texto, pois o "círculo" não se completa.

a) As pessoas estão lendo mais o Estadão porque estão mais inteligentes, ou estão mais inteligentes porque estão lendo mais o Estadão?

b) As pessoas estão lendo mais o Estadão porque estão mais inteligentes, ou porque estão lendo mais o Estadão estão mais inteligentes?

c) As pessoas estão mais inteligentes porque estão lendo mais o Estadão, ou porque estão lendo mais o Estadão estão mais inteligentes?

d) Porque estão lendo mais o Estadão as pessoas estão mais inteligentes ou porque estão mais inteligentes estão lendo mais o Estadão?

e) As pessoas estão mais inteligentes porque estão lendo mais o Estadão, ou porque estão mais inteligentes estão lendo mais o Estadão?

02 - (FUVEST SP)

Detenho-me diante de uma lareira e olho o fogo. É gordo e vermelho, como nas pinturas antigas; remexo as brasas com o ferro, baixo um pouco a tampa de metal e então ele chia com mais força, estala, raiveja, grunhe. Abro: mais intensos clarões vermelhos lambem o grande quarto e a grande cômoda velha parece regozijar-se ao receber a luz desse honesto fogo. Há chamas douradas, pinceladas azuis, brasas rubras e outras cor-de-rosa, numa delicadeza de guache. Lá no alto, todas as minhas chaminés devem estar fumegando com seus penachos brancos na noite escura; não é a

lenha do fogo, é toda a minha fragata velha que estala de popa a proa, e vai partir no mar de chuva. Dentro, leva cálidos corações.

(Rubem Braga)

Há uma gradação crescente em:

a) "...e então ele chia com mais força, estala, raiveja, grunhe."

b) "...mais intensos clarões lambem o grande quarto..."

c) "Há chamas douradas, pinceladas azuis, brasas rubras e outras cor-de-rosa, numa delicadeza de guache."

d) "Lá no alto, todas as minhas chaminés devem estar fumegando com seus penachos brancos na noite escura... ."

e) "...

03 - (FUVEST SP)

O valor semântico de des- NÃO coincide com o do par centralização/descentralização apenas em:

a) Despregar o prego foi mais difícil do que pregá-lo.

b) "Belo, belo, que vou para o Céu ..." – e se soltou, para voar: descaiu foi lá de riba, no chão muito se machucou.

c) Enquanto isso ele ficava ali em Casa, em certo repouso, até a saúde de tudo se desameaçar.

d) A despoluição do rio Tietê é um repto urgente aos políticos e à população de São Paulo.

e) O governo de Israel decidiu desbloquear metade da renda de arrecadação fiscal que Israel devia à Autoridade Nacional Palestina.

04 - (FUVEST SP)

Considerando-se a relação lógica existente entre os dois segmentos dos provérbios adiante citados, o espaço pontilhado NÃO poderá ser corretamente preenchido pela conjunção mas, apenas em:

a) Morre o homem, (...) fica a fama.

b) Reino com novo rei, (...) povo com nova lei.

c) Por fora bela viola, (...) por dentro pão bolorento.

d) Amigos, amigos! (...) negócios à parte.

e) A palavra é de prata, (...) o silêncio é de ouro.

05 - (USS RJ)

Texto

UM SONHO DE SIMPLICIDADE

Então, de repente, no meio dessa desarrumação feroz da vida urbana, dá na gente um sonho de simplicidade. Será um sonho vão? Detenho-me um instante, entre duas providências a tomar, para me fazer essa pergunta. Por que fumar tantos cigarros? Eles não me dão prazer algum; apenas me fazem falta. São uma necessidade que inventei. Por que beber uísque, por que procurar a voz de mulher na penumbra ou os amigos no bar para dizer coisas vãs, brilhar um pouco, saber intrigas?

Uma vez, entrando numa loja para comprar uma gravata, tive de repente um ataque de pudor, me surpreendendo assim, a escolher um pano colorido para amarrar ao pescoço.

A vida bem poderia ser mais simples. Precisamos de uma casa, comida simples mulher, que mais? Que se possa andar limpo e não ter fome, nem sede, nem frio. Para que beber tanta coisa gelada? Antes eu tomava a água fresca da talha, e a água era boa. E quando precisava de um pouco de evasão, meu trago de cachaça.

Que restaurante ou boate me deu o prazer que tive na choupana daquele velho caboclo do Acre? A gente tinha ido pescar no rio, de noite. Puxamos a rede afundando os pés na lama, na noite escura, e isso era bom. Quando ficamos bem cansados, meio molhados, com frio, subimos a barraca, no meio do mato e, chegamos à choça de um velho seringueiro. Ele acendeu um fogo, esquentamos um pouco junto do fogo, depois me deitei, numa grande rede branca - foi um carinho ao longo de todos os músculos cansados. E então ele me deu um pedaço de peixe moqueado e meia caneca de cachaça. Que prazer em comer aquele peixe, que calor bom em tomar aquela cachaça e ficar algum tempo a conversar, entre grilos e vozes distantes de animais noturnos.

Seria possível deixar essa eterna inquietação das madrugadas urbanas, inaugurar de repente uma vida de acordar bem cedo? Outro dia vi uma linda mulher, e senti um entusiasmo grande, uma vontade de conhecer mais aquela bela estrangeira: conversamos muito, essa primeira conversa longa em que a gente vai jogando um baralho meio marcado, e anda devagar, como a patrulha que

faz um reconhecimento. Mas par que, essa eterna curiosidade, essa fome de outros corpos e outras almas?

Mas para instaurar uma vida mais simples e sábia, então seria preciso ganhar a vida de outro jeito, não assim, nesse comércio de pequenas pilhas de palavras, esse ofício absurdo e vão de dizer coisas, dizer coisas... Seria preciso fazer algo de sólido e de singelo; tirar areia do rio, cortar lenha, lavrar a terra, algo de útil e concreto, que me fatigasse o corpo, mas deixasse a alma sossegada e limpa.

Todo mundo, com certeza, tem de repente um sonho assim. É apenas um instante. O telefone toca. Um momento! Tiramos um lápis do bolso para tomar nota de um nome, um número... Para que tomar nota? Não precisamos tomar nota de nada, precisamos apenas viver - sem nome, nem número, fortes, doces, distraídos, bons, como os bois, as mangueiras e o ribeirão.

(BRAGA, Rubem. In: 200 crônicas escolhidas, 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1979. p.262-3.)

Os enunciados cujos termos grifados foram usados em sentido metafórico são:

I. ..."Será um <u>sonho vão</u>?"... (L. 3)

II. ..."essa conversa longa em que a gente <u>vai jogando um baralho meio marcado</u>."... (L. 45-47)

III. ..."Mas por que, para que, essa eterna curiosidade, essa <u>fome de outros corpos e outras almas</u>?" (L. 48-50)

IV. *..."Não precisamos tomar nota de nada, precisamos apenas <u>viver</u> – "... (L. 64-65)*

Assinale a opção CORRETA:

a) I, II, III

b) II, III

c) I, IV

d) II, III, IV

e) I, II, IV

06 - (UNIFOR CE)

Há conotação em:

a) *As palavras da moda não custam nada.*

b) *Soa melhor em português do que no original.*

c) *O homem pensou, murmurou um "bem" reticente.*

d) *Nem só do português se faz o modismo.*

e) *Não naquele tom culto, mas com certo requebro.*

07 - (UNIFOR CE)

Do avião saltamos para a jardineira, a caminho da cidade. A princípio, só o trajeto aborrecido, na pressa de chegar. Que fazer desses ermos lobrigados de passagem, que nos sensibilizam a vista, e daqui a pouco esqueceremos na contemplação de outras formas naturais menos secas?

Há uma lagoa na região, e não se deixa ver. De repente começamos a sentir que essa terra humilde vai nos interessando, em seu desconforto. O mato dos barrancos perdeu o verde nativo; tudo ficou vermelho, amarelo ou pardo, tocado de pó incansável. Como se chamam esses vegetais, só Riobaldo Tatarana sabe, e hei de consultá-lo na volta. A paisagem toca pelo que não tem, pela pobreza calma. Não há imprevisto. Nos postos de grama pouca, só as grandes bossas dos cupins se expõem, bichos imobilizados. E à paz do campo mineiro se ajunta, aprofundando-a, a paz do domingo mineiro.

Nunca será tão domingo como aqui, e domingo e domingo de eternidade se concentram em vigorosa dominicalização. Não acontecer nada, que beatitude! Deixar o mato crescer – mas o próprio mato foge à obrigação, e goza o domingo. Lá estão o touro zebu e seu harém de nobres e modestas vacas – porque o zebu alia à majestade indiana a placidez das Minas, e boi nenhum se fez tão mineiro quanto esse, e bicho nenhum é tão mineiro quanto o boi, em seu calado conhecimento da vida, sua participação no trabalho. O rebanho amontoa-se em círculo, algumas reses em pé, outras deitadas, chifres cumprimentando-se sem ruído. Parece um só boi espalhado, maginando. Com o pincel do rabo, executa o milenar movimento de repelir a mosca, se é que não o pratica pelo prazer de abanar-se. Mas há bois esparsos, bois solitários, que se postam junto a árvores, aparentemente recolhidos; ou fitam o carro que levanta poeira sobre a poeira habitual, e ruminam não sei que novelas de boi.

A terra é um universal domingo, as estampas não se destacam, desaparecem na série. Figura humana é que custa a aparecer. Só o garotinho que brincava no barro, entre galinhas, e o braço de homem, no fundo escuro da casa desbeiçada, erguendo a garrafa.

Carlos Drummond de Andrade

NÃO há conotação na expressão sublinhada em:

a) tocado de pó incansável.

b) as bossas dos cupins, bichos imobilizados.

c) com o pincel do rabo.

d) o mato dos barrancos perdeu o verde nativo.

e) ruminaram não sei que novelas de boi.

08 - (UNIFOR CE)

...estudos que o distanciam de seus interesses imediatos: são as chamadas disciplinas técnicas [...] que mais lhe interessam.

Entre os dois segmentos do período acima, há relação de:

a) adição.

b) finalidade.

c) proporção.

d) alternativa.

e) explicação.

09 - (UNIFOR CE)

Há conotação em:

a) "movimentos na economia" provocam cíclicas retrações no sistema de produção.

b) Passa-se pelas chamadas disciplinas de "humanidades".

c) Ei-lo às voltas com estudos que o distanciam de seus interesses imediatos.

d) Uma vez profissional, torna-se mais leve a luta pela sobrevivência.

e) Um obstáculo a mais na maratona sempre perigosa do viver.

10 - (Mackenzie SP)

A sociedade brasileira é violenta, sim; cordialmente violenta, desde a colonização. Mas **o clima de medo em que vivemos hoje, incentivado e fomentado por programas pseudojornalísticos no rádio e na TV, além de dezenas e dezenas de enlatados violentíssimos, produz efeitos de pura paranóia**. O desconhecido no ônibus, na fila do banco, o sujeito que esbarra no outro numa calçada apinhada são vistos antes de mais nada como uma ameaça. Vivemos com o dedo no gatilho, prontos para "nos defender". Só não temos defesa contra as próprias fantasias.

Maria Rita Kehl

Assinale a alternativa que contém uma reescrita do trecho em negrito adequada ao contexto.

a) Incentivado e fomentado por programas pseudojornalísticos do rádio e da TV, o clima de medo em que vivemos hoje produz muitos filmes violentos, além de efeitos de pura paranóia.

b) Vivemos hoje um clima de violência, porque a população é incentivada pelos programas violentos do rádio e da TV, que são conseqüência da paranóia do homem moderno.

c) O clima de medo em que vivemos hoje – incentivado por enlatados violentíssimos e por programas pseudojornalísticos do rádio e da TV – produz efeitos de pura paranóia.

d) Vivemos hoje um clima de paranóia generalizada – na TV, no rádio, ou na vida real – devido ao aumento exacerbado da violência causada pelo medo.

e) Incentivados por programas pseudojornalísticos do rádio e da TV, por enlatados e pela paranóia, criamos um clima de violência que tem gerado muito medo em nossa sociedade.

11 - (Mackenzie SP)

Capítulo XXXII

Olhos de ressaca

Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as cousas, como eu. É o que contarei no outro capítulo. Neste direi somente que, passados alguns dias do ajuste com o agregado, fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã. D. Fortunata, que estava no quintal, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

– Está na sala penteando o cabelo, disse-me; vá devagarzinho para lhe pregar um susto.

Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as cousas, como eu.

O período que está claro, correto e que não prejudica o sentido do acima citado é:

a) Mas ocorreu uma situação em que não sei se ela aprendeu ou ensinou, ou mesmo se uma e outra coisa, exatamente como se deu comigo.

b) Houve, entretanto, episódio que fiquei em dúvida sobre se houve aprendizado por parte dela, ou, não, ou mesmo se aconteceram ambas as coisas, como eu fiz.

c) O caso em que, entretanto, não sei se ela aprendeu, ensinou ou se foram feitas as duas coisas, aconteceu com ambos, no qual eu também estava envolvido.

d) Num certo acontecimento, eu duvidei: mas ela aprendeu, ensinou, ou, ao contrário, como se deu comigo?

e) Apareceu, porém, um caso no qual não soube definir o aprendizado ou o ensinamento, que como eu talvez fosse os dois.

12 - (Mackenzie SP)

"De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo."

Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: "O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado 'sistema de preenchimento', se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares", explica o neurologista Benito Damasceno.

Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: "Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira", diz Damasceno.

Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura... (linha 8)

Assinale a frase que apresenta sentido equivalente ao do trecho citado, levando em conta o contexto.

a) Esse mecanismo apenas não funciona com a leitura.

b) Esse mecanismo funciona não apenas com a leitura.

c) Com apenas a leitura, esse mecanismo não funciona.

d) Apenas esse mecanismo não funciona com a leitura.

e) Esse mecanismo não funciona com a leitura.

13 - (ENEM Simulado)

Aumento do efeito estufa ameaça plantas, diz estudo.

O aumento de dióxido de carbono na atmosfera, resultante do uso de combustíveis fósseis e das queimadas, pode ter consequências calamitosas para o clima mundial, mas também pode afetar diretamente o crescimento das plantas. Cientistas da Universidade de Basel, na Suíça, mostraram que, embora o dióxido de carbono seja essencial para o crescimento dos vegetais, quantidades excessivas desse gás prejudicam a saúde das plantas e têm efeitos incalculáveis na agricultura de vários países.

O Estado de São Paulo, 20 set. 1992, p.32.

O texto acima possui elementos coesivos que promovem sua manutenção temática. A partir dessa perspectiva, conclui-se que

a) a palavra “mas”, na linha 3, contradiz a afirmação inicial do texto: linhas 1 e 2.

b) a palavra “embora”, na linha 4, introduz uma explicação que não encontra complemento no restante do texto.

c) as expressões: “consequências calamitosas”, na linha 2, e “efeitos incalculáveis”, na linha 6, reforçam a ideia que perpassa o texto sobre o perigo do efeito estufa.

d) o uso da palavra “cientistas”, na linha 3, é desnecessário para dar credibilidade ao texto, uma vez que se fala em “estudo” no título do texto.

e) a palavra “gás”, na linha 5, refere-se a “combustíveis fósseis” e “queimadas”, nas linhas 1 e 2, reforçando a ideia de catástrofe.

14 - (UNIFOR CE)

Leia as manchetes de jornais:

Cid Gomes acompanha inquietação na aliança

Diário do Nordeste 7-11-2011

Acusado de desvio, prefeito de Nova Friburgo é afastado do cargo

Folha.Com 7-11-2011

Ministro terá dez dias para explicar denúncias sobre esquema

O Estado de São Paulo 7-11-2011

Cabral reúne lideranças para organizar protestos

O Globo 7-11-2011

ALIANÇA, DESVIO, DENÚNCIAS e LIDERANÇAS têm aproximação semântica, respectivamente, com:

a) Perversão – Preceito – Inventário – Coesão.

b) Comando – Protesto – Altercação – Confederação.

c) Querela – Corrosão – Litígio – Coligação.

d) Coalizão – Corrupção – Delação – Hegemonia.

e) Direção – Divagação – Contestação – Junta.

15 - (IBMEC SP)

(...)

O segundo exemplo é de conhecimento de muitos: uma peça publicitária que, para enaltecer as qualidades de um carro, compara dois atores, um considerado um grande ator e o outro, um ator grande. Nesse comercial, é um brasileiro que se presta a ocupar o lugar de ator grande (com atuação considerada muito ruim em sua profissão). Foi dessa maneira que ele saiu do ostracismo e voltou a ser "famoso".

Muitos jovens enalteceram a coragem do moço, sua beleza e o dinheiro que ele ganhou para fazer parte dessa campanha. (...)

(SAYÃO, Rosely. **Folha de São Paulo,** 13/09/2011)

No excerto acima, ao fazer um jogo de palavras com “ator grande” e “grande ator”, a autora produz diferentes efeitos de sentido. A alteração da ordem das palavras só **NÃO** produz mudanças de sentido em:

a) pobre homem.

b) estrela esportista.

c) poesia simples.

d) novo modelo.

e) homem algum.

16 - (UNIFOR CE)



Marque a opção em que a palavra em destaque tem a mesma função sintática da palavra "mesmo" do segundo quadrinho.

a) Elas **mesmas** confirmaram a história.

b) Joaquim continua no **mesmo** lugar.

c) Ontem **mesmo** ouvi a notícia.

d) Eles sempre foram os **mesmos** em todas as situações.

e) Tratava-se do **mesmo** indivíduo.

17 - (ESPM SP)

Em uma das manchetes jornalísticas abaixo está presente uma expressão paradoxal. Assinale-a:

a) Na seleção brasileira, o técnico de futebol é um eterno interino.

b) Ministério Público denuncia oito por mortes em UTI de Curitiba.

c) Plano para enterrar fiação elétrica em SP levaria 3.000 anos.

d) MEC autoriza fechamento de creches e pré-escolas nas férias.

e) Trabalhador brasileiro fica menos tempo na fila de novo emprego.

18 - (UNIFOR CE)

PRAIA NUA

Ah, meu sol, meu bem minha vida escureceu
Desde que você não quis mais saber de mim
Hoje eu só fiquei com a imensidão do céu
De estrelas mil que se esforçam pra luzir meu
vazio

Tudo que era flor viu o cinza da manhã
E se entristeceu pelo fim do nosso amor
Mar azul também suas ondas estancou
Sem o seu calor o oceano é uma poça sem cor

(Vercillo , Jorge. *Praia Nua*. Disponível em: < http:// etras.mus.br/jorge-vercillo/46665/ > Acesso em: 18/05/2013)

No verso “Mar azul também suas ondas **estancou**”, a palavra destacada pode ser substituída sem perda de sentido por:

a) estagnou.
b) vedou.
c) paralisou.
d) comprimiu.
e) refreou.

19 - (Unievangélica GO)

Leia o texto a seguir.

Criador da “dieta dos pontos” escreve a história de três irmãs obesas

Alfredo Halpern, endocrinologista que criou a "dieta dos pontos" há mais de 40 anos, conta, em "A Dieta que Sempre Funciona", a história de três irmãs obesas para mostrar ao leitor que é possível emagrecer e manter o peso ideal e a saúde.

Filhas de um obeso, Rebeca, Maria e Antônia lutam contra o sobrepeso e levam vidas muito diferentes, mas carregam formação familiar e características genéticas semelhantes.

Rebeca começou a engordar quando prestou vestibular para medicina. Estresse, sedentarismo e vida irregular fizeram com que a ginecologista ganhasse peso. Ela costuma optar por soluções rápidas, tornando-se vítima do "efeito ioiô".

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2013/08/1331786- criador-da-dieta-dos-pontos-escreve-a-historia-de-tres-irmas-obesas.shtml>. Acesso em: 23 set. 2013

A significação das palavras está diretamente ligada ao seu contexto. Considerando isso, qual alternativa a seguir apresenta o significado mais adequado à expressão “efeito ioiô” no texto?

a) Vai e volta

b) Espicha e encolhe

c) Enrola e desenrola

d) Bate e volta

20 - (UERN)

A linguagem literária traz em si aspectos que a diferenciam da linguagem normalmente utilizada em textos, como notícias, reportagens, manuais de instrução etc. O texto a seguir é um exemplo dos efeitos por ela provocados.

Relógio

As coisas vão

As coisas vêm

As coisas vão

As coisas

Vão e vêm

Não em vão

As horas

Vão e vêm

Não em vão.

(Andrade, Oswald de. Poesias. Rio de Janeiro: Agir.)

Acerca do poema de Oswald de Andrade, é correto afirmar que

a) a forma dos versos é mais importante que o seu conteúdo.

b) o eu lírico apresenta-se confuso em relação ao papel das “coisas”.

c) nos versos 6º e 9º, a palavra “vão” tem valor diferente dos demais.

d) a palavra “coisas” deve ser substituída por “objetos”, evitando repetição.

21 - (UFG GO)

Ser magra.



Disponível em: <www.receitasa2.wordpress.com>.
Acesso em: 12 mar. 2014.

No texto, a repetição da mesma resposta a diferentes perguntas constitui

a) uma confirmação explícita de que a personagem tem tendência à obesidade.

b) um recurso argumentativo para livrar-se das perguntas insistentes do entrevistador.

c) uma estratégia defensiva contra possíveis críticas ao modo de vida da personagem.

d) um modo persuasivo para conquistar a adesão do público às ideias da personagem.

e) um mecanismo linguístico para caracterizar um comportamento obsessivo presente na sociedade atual.

22 - (UNCISAL)



Disponível em: http://clubedamafalda.blogspot.com.br/2006/01/tirinha-004.
Acesso em 06 nov. 2013.

Dadas as afirmações acerca da tirinha,

I. Há, na tira, presença de linguagem conotativa, que é repetida pela ingenuidade da menina.

II. Embora haja linguagem figurada, o jogo de palavras não nos possibilita detectar humor na tira, perdendo-se assim o sentido.

III. O efeito de humor da tira está indicado pela seleção vocabular, isto é, pelo jogo de palavras que é visualizado por meio da palavra “campo”.

IV. A forma inusitada de pensar da personagem Mafalda cria ambiguidade à situação.

verifica-se que estão corretas

a) I, III e IV, apenas.

b) II e III, apenas.

c) III e IV, apenas.

d) I, II, III e IV.

e) I e IV, apenas.

23 - (Unievangélica GO)

Observe o texto a seguir.



Disponível em: <http://www.willtirando.com.br/?post=997>.
Acesso em: 05 mai. 2014.

Considerando-se apenas o texto escrito, a pergunta do penúltimo quadrinho é provocada devido à ocorrência de

a) ambiguidade

b) intertextualidade

c) contradição

d) metalinguagem

24 - (ENEM)

SE NO INVERNO É DIFÍCIL ACORDAR,

IMAGINE DORMIR.

Com a chegada do inverno, muitas pessoas perdem o sono. São milhões de necessitados que lutam contra a fome e o frio. Para vencer esta batalha, eles precisam de você. Deposite qualquer quantia. Você ajuda milhares de pessoas a terem uma boa noite e dorme com a consciência tranquila.

Veja. 05 set. 1999 (adaptado).

O produtor de anúncios publicitários utiliza-se de estratégias persuasivas para influenciar o comportamento de seu leitor. Entre os recursos argumentativos mobilizados pelo autor para obter a adesão do público à campanha, destaca-se nesse texto

a) a oposição entre individual e coletivo, trazendo um ideário populista para o anúncio.

b) a utilização de tratamento informal com o leitor, o que suaviza a seriedade do problema.

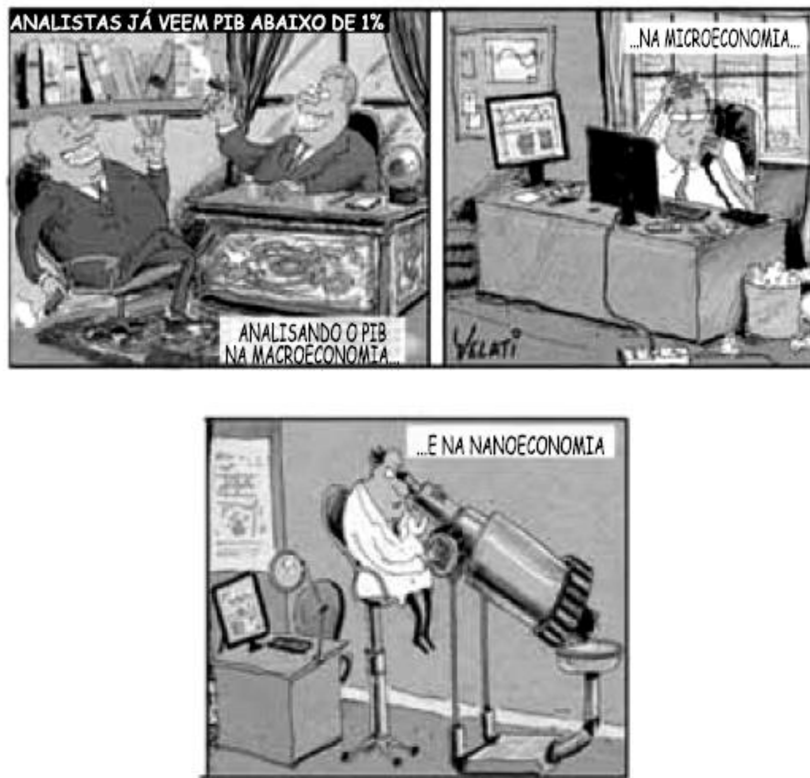
c) o emprego de linguagem figurada, o que desvia a atenção da população do apelo financeiro.

d) o uso dos numerais "milhares" e "milhões", responsável pela supervalorização das condições dos necessitados.

e) o jogo de palavras entre "acordar" e "dormir", o que relativiza o problema do leitor em relação ao dos necessitados.

25 - (FGV)

Leia os quadrinhos.



(Velati. *Folha de S.Paulo*, 24.07.2014.)

Nos quadrinhos, a sequência *macroeconomia-microeconomia--nanoeconomia* é empregada para

a) atenuar a ideia de queda do PIB.

b) fortalecer a ideia de um PIB alto.

c) reforçar a ideia de queda do PIB.

d) sugerir a ideia de estabilidade do PIB.

e) contestar a ideia de queda do PIB.

26 - (ENEM)

Trabalhe, trabalhe, trabalhe.

Mas não se esqueça: vírgulas significam pausas.

Revista Língua Portuguesa, n.º 36,
outubro de 2008, p. 30.

A publicidade utiliza recursos e elementos linguísticos e extralinguísticos para propagar sua mensagem. O autor do texto publicitário acima, para construir seu sentido, baseia-se

a) na possibilidade de confundir o leitor quanto à sua rotina.

b) na certeza de surpreender o leitor com efeitos de humor.

c) na criação de dúvida quanto à quantidade de trabalho.

d) no duplo sentido da palavra pausas: pausa na escrita e pausa no trabalho.

e) no objetivo de irritar o leitor no que se refere à sua rotina de trabalho diária.

27 - (ENEM)

Azeite de oliva e óleo de linhaça: uma dupla imbatível

Rico em gorduras do bem, ela combate a obesidade, dá um chega pra lá no diabete e ainda livra o coração de entraves

Ninguém precisa esquentar a cabeça caso não seja possível usar os dois óleos juntinhos, no mesmo dia. Individualmente, o duo também bate um bolão. Segundo um estudo recente do grupo EurOlive, formado por instituições de cinco países europeus, os polifenóis do azeite de oliva ajudam a frear a oxidação do colesterol LDL, considerado perigoso. Quando isso ocorre, reduzse o risco de placas de gordura na parede dos vasos, a temida aterosclerose – doença por trás de encrencas como o infarto.

MANARINI, T. **Saúde é vital**, n. 347, fev. 2012 (adaptado).

Para divulgar conhecimento de natureza científica para um público não especializado, Manarini recorre à associação entre vocabulário formal e vocabulário informal. Altera-se o grau de formalidade do segmento no texto, sem alterar o sentido da informação, com a substituição de

a) “dá um chega pra lá no diabete” por “manda embora o diabete”.

b) “esquentar a cabeça” por “quebrar a cabeça”.

c) “bate um bolão” por “é um *show*”.

d) “juntinhos” por “misturadinhos”.

e) “por trás de encrencas” por “causadora de problemas”.

28 - (ENEM)

Perder a tramontana

A expressão ideal para falar de desorientados e outras palavras de perder a cabeça

É perder o norte, desorientar-se. Ao pé da letra, “perder a tramontana” significa deixar de ver a estrela polar, em italiano *stella tramontana*, situada do outro lado dos montes, que guiava os marinheiros antigos em suas viagens desbravadoras.

Deixar de ver a tramontana era sinônimo de desorientação. Sim, porque, para eles, valia mais o céu estrelado que a terra. O Sul era região desconhecida, imprevista; já o Norte tinha como referência no firmamento um ponto luminoso conhecido como a estrela Polar, uma espécie de farol para os navegantes do Mediterrâneo, sobretudo os genoveses e os venezianos. Na linguagem deles, ela ficava transmontes, para além dos montes, os Alpes. Perdê-la de vista era perder a tramontana, perder o Norte.

No mundo de hoje, sujeito a tantas pressões, muita gente não resiste a elas e entra em parafuso. Além de perder as estribeiras, perde a tramontana...

COTRIM, M. Língua Portuguesa, n. 15, jan. 2007.

Nesse texto, o autor remonta às origens da expressão “perder a tramontana”. Ao tratar do significado dessa expressão, utilizando a função referencial da linguagem, o autor busca

a) apresentar seus indícios subjetivos.

b) convencer o leitor a utilizá-la.

c) expor dados reais de seu emprego.

d) explorar sua dimensão estética.

e) criticar sua origem conceitual.

29 - (IBMEC SP)



Disponível em: http://www.bocamaldita.com/wp-content/uploads/2015/06/NaniIdeologias.jpg. Acesso em 02/09/2015

Nessa charge, o recurso utilizado para produzir humor é a

a) linguagem *nonsense*, apresentando sentidos inconsistentes para as palavras “esquerda” e “direita”.

b) metaforização do termo “direita”, indicando a inquietação existencial do personagem.

c) polissemia das palavras “esquerda” e “direita”, com acepções associadas a diferentes campos semânticos.

d) metalinguagem, traduzindo e revelando os sentidos implícitos do termo “esquerda”.

e) repetição do termo “direita” como forma de denunciar a opressão política.

30 - (UNIFOR CE)

É EXPRESSAMENTE PROIBIDA A ENTRADA DE ALUNOS!

Em relação aos vícios textuais, o fenômeno evidenciado na placa acima é

a) o estrangeirismo.
b) a tautologia.
c) a verbosidade.
d) a ambiguidade.
e) a cacofonia.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 31



Business Intercontinental da Iberia.
Mais espaço entre as poltronas.

Viajar virou sinônimo de relaxar. Principalmente quando você tem à sua disposição uma poltrona de design ergonômico com maior capacidade para reclinar e 132 cm de espaço entre a sua poltrona e a da frente. Além disso, você conta com mais de 300 salas VIP em aeroportos no mundo todo e pode acumular e utilizar pontos no seu programa de milhagens voando com qualquer linha aérea da aliança **one**world. Business Intercontinental da Iberia. Sorria.

31 - (FUVEST SP)

Entre os recursos de persuasão empregados no texto verbal do anúncio, só NÃO ocorre o uso de:

a) termos técnicos.

b) trocadilhos.

c) apelo direto ao leitor.

d) enumeração acumulativa de vantagens.

e) expressões em inglês.

TEXTO: 2 - Comum às questões: 32, 33

Texto 1

Vidas destruídas na internet. Como se proteger?

O poderoso submundo da internet lucra em cima da ingenuidade dos internautas, invadindo sua privacidade e muitas vezes destruindo suas vidas. Veja como se livrar disso.

Enquanto escrevo estas linhas, navego num *site* onde é preciso coragem e muita proteção para acessar. A primeira coisa que vejo na tela diz "Como assumir a identidade de alguém em oito

lições." Quem visitasse-o, ficaria surpreso com o requinte de ferramentas e estratégias.

Muitos *sites* são hospedados em países que não formularam ainda uma legislação eficiente contra crimes eletrônicos, como a Rússia, por exemplo. Países com legislação virtual atrasada, combinada com as facilidades espaço-temporais inerentes a hospedagem de *sites*, involuntariamente têm dado grande força ao submundo da internet. Portanto, é preciso conhecê-los, saber como funciona, para então nos defendermos deles.

Existe, naturalmente, um verdadeiro hiato entre o conhecimento técnico de leigos e de usuários avançados no mundo da informática em geral. Pesa sobre muitos o fato desta diferença, muitas vezes, propiciar que a ingenuidade de muitos seja utilizada por *sites* que agem de má fé, invadindo a privacidade de famílias inteiras e valendo-se disso para encontrar gratuitamente conteúdos que lhes interessem. E não apenas isso.

Muitos *hardwares*, equipamentos eletrônicos, demoram para ser difundidos formalmente no Brasil, o que também dá chance para inusitadas invasões de privacidade. Tenho, neste momento, à

minha frente, um *site* todo baseado em imagens que foram capturadas por uma filmadora digital (*webcam*) embutida num óculos comum.

Existe programas que criam uma rede virtual, ou seja, uma espécie de internet dentro da internet, tais como Naspter e Kazaa, e que, ao possibilitarem a troca de qualquer tipo de arquivos, como músicas, *softwares*, vídeos, documentos, etc., abrem caminho para que uma imagem não autorizada seja exposta anonimamente na rede. Houve uma história que vale a pena relembrar. Um casal de namorados tirava fotos de suas intimidades. Ao término do relacionamento, o rapaz, rejeitado pela namorada, expôs fotografias dela numa dessas redes virtuais, a qual recebeu mais de 4 milhões de *downloads*.

Surpreende que mesmo depois de descoberto, não é possível retirar da rede a tal fotografia, pois o usuário não tem nível de acesso que possibilite deletar arquivos de outros micros. Pode apenas copiá-los. Ainda que esse nível de acesso fosse permitido, a variação de nomes de que estes arquivos recebem depois de copiados inviabilizariam este processo completamente.

A proliferação de máquinas de fotografias

digitais, torna muitos usuários presa fácil de *hackers* invasores. Milhares de computadores são invadidos diariamente e muitas fotos e filmes são copiados e expostos em *sites* de conteúdo pornográfico. Até mesmo fotografias de bebês brincando inocentemente em banheiras já foram encontradas nestes *sites*.

Como se proteger das invasões de privacidade?

Uma boa dica é copiar fotos e filmes digitais para um CD e apagá-las dos computadores, especialmente daqueles micros que estão conectados em banda larga. Usar *firewalls* de segurança nem sempre resolve o problema, pois muitas vezes seu manuseio requer um nível técnico inacessível para a maioria dos usuários. Existe atualmente uma série de programas que podem ligar, via internet, uma *webcam* que esteja acoplada a um computador. Neste caso, quando ela não está sendo utilizada, é recomendável desligá-la ou tampar sua lente. Uma tecnologia chamada de *screencam* pode gravar tudo o que se passa na tela do micro. Isso muitas vezes tem sido usado para gravar cenas de conversações através de programas como ICQ ou MSN.

Todo cuidado é pouco nestes casos.

Hackers invasores deixam programas robots procurando máquinas expostas, 24 horas por dia. Muitas vezes eles usam palavras-chave como critério de busca. Assim, enganar estes programas, chamados de agentes especialistas, também é uma boa opção: ao invés de nomear a pasta de fotografias como "minhas imagens", use nomes como "fot_", "Imagi", "alb_", etc. Em casos extremos, pode-se usar nomes falsos que não chamem a atenção, caso o computador seja invadido. Usar banheiros públicos e provadores de roupas é algo que requer muito cuidado, pois eles são alvos principais de câmeras escondidas. Na Europa e Estados Unidos, muitas pessoas já usam detectores de câmeras.

Este descompasso tecnológico, entre o usuário comum e organizações poderosas devotadas a atividades ilícitas na internet, tem destruído vidas de pessoas idôneas em todas as partes do mundo. É preciso proteger-se – e muito! A defesa da privacidade atualmente não é apenas um valor moral, mas uma necessidade imperiosa.

Dr. Moacir José da Silva Professor Adjunto da UEM com Doutorado em Engenharia de Produção e Sistemas, atualmente é pós– doutorando em Administração de Empresas pela FEA/USP.
(*O Diário do Norte do Paraná*, 09/03/2005)

32 - (UEM PR)

Sobre as relações lógico-semânticas estabelecidas pelos conectivos, é **correto** afirmar que:

a) o conectivo "enquanto" (linha 5), em "Enquanto escrevo estas linhas, navego num *site*...", indica ações que se sucedem temporalmente e nunca ações que acontecem simultaneamente.

b) a expressão "até mesmo" (linha 63), em "Até mesmo fotografias de bebês...", tem a função de indicar que o argumento por ela introduzido é muito forte, senão o mais forte da série de argumentos apresentados.

c) a expressão "ou seja" (linha 38), em "...uma rede virtual, ou seja, uma espécie de internet dentro da internet...", tem a função de indicar uma relação de alternância entre os termos que une.

d) a expressão "ainda que" (linha 54), em "Ainda que esse nível de acesso fosse permitido (...) este processo completamente.", indica uma conclusão da primeira oração em relação à segunda.

e) o conectivo "portanto" (linha 18), em "Portanto, é preciso conhecê-los...", é utilizado para estabelecer uma relação de explicação com o que foi dito anteriormente.

33 - (UEM PR)

Sobre a organização do texto, assinale a alternativa **correta**.

a) O fragmento de narrativa introduzido pelo autor no trecho "Houve uma história (...) mais de 4 milhões de *downloads*." (linhas de 44 a 49) serve de argumento para comprovar o que foi dito por ele anteriormente sobre a exibição de imagem não autorizada na rede.

b) O título do texto não sintetiza adequadamente a proposta que o autor apresenta no primeiro parágrafo.

c) No item "Como se proteger das invasões de privacidade?" (linhas de 66 a 82), o autor espera apresentar os problemas que os piratas da rede mundial de computadores podem causar às suas vítimas.

d) No item "Todo cuidado é pouco nestes casos." (linhas de 83 a 98), o autor do texto alerta para o perigo de acessarmos *sites* de conteúdo duvidoso. Segundo ele, a polícia da internet pode entrar em ação e prender o internauta.

e) No terceiro parágrafo do texto (linhas de 21 a 36), apresentam-se as principais soluções para quem quer se proteger do ataque dos *hackers*.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 34

TEXTO 1

Profissão de fé.

(...)

Invejo o ourives

Quando escrevo:

Imito o amor

Com que ele, em ouro, o alto-relevo

Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara

A pedra firo:

O alvo cristal, a pedra rara,

O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,

Sobre o papel

A pena, como em prata firme

Corre o cinzel.

(...)

Torce, aprimora, alteia, lima

A frase; e, enfim,

No verso de ouro engasta a rima

Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,

Dobrada ao jeito

Do ourives, saia da oficina

Sem um defeito.

(...)

Porque o escrever – tanta perícia,

Tanta requer,

Que ofício tal... nem há notícia

De outro qualquer.

(Olavo Bilac. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, s/d. Fragmento).

TEXTO 2

Escrever é um ato que exige empenho...

Muitas pessoas acreditam que aqueles que redigem com desenvoltura executam essa tarefa como quem respira, sem a menor dificuldade, sem o menor esforço. Não é assim. Escrever é uma das atividades mais complexas que o ser humano pode realizar. Faz rigorosas exigências à memória e ao raciocínio. A agilidade mental é imprescindível para que todos os aspectos envolvidos na escrita sejam articulados, coordenados, harmonizados de forma que o texto seja bem sucedido.

Conhecimentos de natureza diversa são acessados para que o texto tome forma. É necessário que o redator utilize simultaneamente seus conhecimentos relativos ao assunto que quer tratar, ao gênero adequado, à situação em que o texto é produzido, aos possíveis leitores, à língua e suas possibilidades estilísticas. Portanto, escrever não é fácil e, principalmente, escrever é incompatível com a preguiça.

A tarefa pode ir ficando paulatinamente mais fácil para profissionais que escrevem muito, todos os dias, mas mesmo esses testemunham que escrever é um trabalho exigente, cansativo e, muitas vezes, frustrante. Sempre queremos um texto ainda melhor do que o que chegamos a produzir e poucas vezes conseguimos manter na linguagem escrita todas as sutilezas da percepção original acerca de um fato ou um pensamento. O que admiramos na literatura é justamente essa especificidade, essa possibilidade de expandir pela palavra escrita emoções, pensamentos, sensações, significados, que nós, leigos, não conseguimos traduzir com propriedade.

(Lucília H. do Carmo Garcez. *Técnica de redação* – o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Fragmento).

34 - (UFPE)

As palavras que ocorrem em um texto têm sempre uma função determinada. Leia os trechos abaixo, transcritos do texto 2, e analise a função que é indicada para as expressões sublinhadas.

a) “Não é assim”. Termo que retoma, que supõe uma informação previamente dada.

b) “A agilidade mental é imprescindível para que todos os aspectos envolvidos na escrita sejam articulados”. Expressão conectora que expressa idéia de causalidade.

c) “Portanto, escrever não é fácil”. Palavra de ligação que denota um sentido de concessão.

d) “A tarefa pode ir ficando paulatinamente mais fácil”. Termo que indica uma localização temporal de simultaneidade.

e) “O que admiramos na literatura é justamente essa especificidade. Sempre queremos um texto ainda melhor do que o que chegamos a produzir.” Termo que exprime um estado de dúvida, de incerteza.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 35

"Estratégia, marketing e inovação são os três pilares da gestão. Se você quer ser um gestor, é nisso que você deve ser bom. Senão, você pode até ter estudado administração, mas não é um gestor, é apenas um supervisor, no sentido antigo de capataz mesmo. As empresas não precisam mais disso. Capataz era importante na era industrial que, como sabemos, acabou. As empresas hoje só precisam de gente capaz de contribuir para o seu processo de gerar valor.

As leis da nossa ciência da gestão são conseqüência de um padrão que está bem estabelecido no mundo dos negócios. (...)

Como em toda ciência, a nossa funciona categorizando o mundo com base nas circunstâncias que se apresentam diante de nós. Da mesma forma que um médico decide o melhor tratamento com base nas circunstâncias do paciente à sua frente, ou um engenheiro decide com base no tipo de terreno em que deve construir.

Esse padrão permite chegar a teorias que nos ajudarão a decidir com muito mais probabilidade de acertar do que a pura chance. Chamo de teoria o conhecimento que nos permite fazer declarações de causa e efeito: quando ocorrer X, faça Y e você terá grande chance de obter o efeito Z. Esses princípios são regras que a boa gestão deve seguir. As leis de Newton da gestão, se você quiser. Seguindo-os você tem muito mais chance de sucesso do que quem não os segue."

(Clemente Nóbrega, A Ciência da Gestão,Ed. Senac Rio, 2004, pág. 159.)

35 - (ETAPA SP)

Os grifos em “marketing” e “As leis da nossa ciência da gestão”:

a) são utilizados somente para chamar a atenção do leitor.

b) são destaques para termos inovadores, não existentes em língua portuguesa.

c) enquanto “marketing” é termo que não tem tradução ou equivalência na língua portuguesa, “As leis da nossa ciência da gestão” é destaque do texto.

d) “marketing” é terminologia técnica, indicativa de um novo ramo do conhecimento científico, já a expressão “As leis da nossa ciência da gestão” é um neologismo.

e) "marketing" é termo de língua inglesa equivalente a "mercadologia", utilizado na ciência da gestão; "As leis da nossa ciência da gestão" é um destaque para o assunto que o autor quer enfatizar.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 36

REI DOS HUNOS, SALVO ENGANO

Não sei, não quero saber, tenho raiva de quem sabe quem foi o gaiato que bolou um dia no calendário para homenagear as tias solteironas. Garanto que foi algum sobrinho sem ter o que fazer.

Tudo bem, havia uma época em que ser tia parecia condenação. Toda mulher casava por instinto, ou ia casar ou estava a fim de. Com exceção de quem tinha vocação para o claustro, para o convento, convolar núpcias – como escrevia com elegância o falado Machado de Assis – era a bem dizer o destino de toda menina-moça. Hoje puberdade parece palavrão. Não impede de jogar tênis, vôlei, fazer alongamento. Ouvi falar de ninfetas púberes que jogam até buraco. Enfim, é assunto do ginecologista.

Porém lembro bem da Marinice, garota que brincava descalça na enxurrada. De repente, saiu do pedaço. Deu o pira, como se dizia. Até que um fulano bocudo, que tinha panca de saber mais do que todo mundo, espalhou a história cabeluda de que a companheira de pega-pega, cacholeta, pula-porteira, tudo de saia ainda sem combinação, estivera naqueles dias. Como o tal fulano vivia mesmo por dentro de tudo, ninguém tirou a limpo que eram aqueles dias.

O que se soube à boca miúda é que Marinice foi levada pela mãe e uma tia a um especialista em naqueles dias. Quando reapareceu estava pálida. E de trancinhas. Sempre então que uma vez por mês sua face se fazia ebúrnea (na época dizia-se sem cor), Marinice ruborizava a face com papel crepom umedecido com água. Nunca mais pulou porteiras, nem com saia nem calça comprida, que na época era só coisa de homem. Contando essas coisas hoje para fazer passar o tempo, tudo pode parecer de uma ingenuidade atroz. Acontece que a vida flui rápida. As moças de hoje que escolhem ser freiras sabem o que estão fazendo. Umas se tornam irmãs de caridade. Outras, psicólogas. Outras, enfermeiras. Sem falar nas que são eleitas abadessas de mosteiros. E muitas viram anjos.

Marinice cresceu, engordou e casou de branco mais robusta do que quando era solteira. Seis meses depois deu à luz um filho com nove meses de gestação saudável. E ponto final.

Acontece que nada disso vem exatamente ao caso. O caso mesmo, no duro, diz respeito à mencionada tia da Marinice. Seu único e desagradável defeito era o sádico mau humor com que se comprazia em executar nossa bola de borracha quando fugia de controle, batia na janela e quebrava a vidraça. A tia não ia com a cara do esporte bretão. Fora isso, um doce de pessoa. Vezes várias, no recesso da disputa de peladas, convidava a turma para saborear goiabada cascão com queijo.

Chamava-se Maria de Lourdes. Professora primária, de temperamento rígido. Nunca soube o que era namoro. Em breve período chegou a permitir o assédio moderado de um rapaz loiro, olhos azuis, queixo proeminente, que, se estou sendo fiel à memória, untava os cabelos com brilhantina Glostora. Mas não chegou a namoro tipo bem intencionado. O que circulou para o público externo, não apenas na versão do tal cara boquirroto, também de figuras respeitáveis da vizinhança, é que numa noite quente com relâmpagos o pretendente cismou de oscular de leve o rosto da mulher. No que se ferrou. Levou o maior plaf de mão aberta que repercutiu nos dois tímpanos auriculares. Nunca mais fizeram questão de encontrar-se.

Maria de Lourdes ficou sendo cada vez mais chamada de Dona Lourdes, prosseguiu tia e professora. Passou a evitar doces quando escobriu a taxa de diabetes. Alberico, o que recebera o tabefe, desapareceu. Segundo o bocudo, foi ser pára-quedista. Sabia o que estava dizendo. Maria de Lourdes era irmã dele. Ciumento, apreciou o desenlace. “Já pensaram?”, comentou, “agüentar cunhado chamado Alberico?”.

Por mim, fosse com minha mana, não seria nada de mais. Alberico é nome nobre. Se não estou equivocado, foi rei dos hunos. Ou estarei fazendo confusão com Átila?

Lourenço Diaféria

36 - (UNIFAP AP)

No trecho “Não sei, não quero saber, tenho raiva de quem sabe”, o autor retoma um dito muito comum na fala de crianças. Esse recurso de trazer para o texto escrito marcas de textos orais pode ser entendido, a partir da compreensão e da intenção do próprio texto, como uma forma de

a) garantir a atenção do leitor e inseri-lo na tipologia textual pretendida pelo autor.

b) tentar persuadir/convencer o leitor da opinião emitida pelo autor.

c) checar o nível de compreensão textual do leitor.

d) apresentar um caráter moralizante, visto ser esta uma característica do gênero textual apresentado.

e) enfatizar que, nos textos escritos, tais estruturas são consideradas vícios de linguagem.

TEXTO: 6 - Comum à questão: 37

As coisas boas

Recebo e-mail de um jovem de 16 anos reclamando, num texto lúcido e bem escrito, de que sou pessimista. Pois escrevi na última coluna que "ninguém faz nada", quando, segundo ele, eu deveria dar uma mensagem esperançosa a quem quer "mudar o mundo". De alguma forma, isso me comoveu. Quase todos queremos melhorar o mundo na juventude, e é bom querer não ficar ________, amargo ou ________ na idade adulta. Pior ainda, chato na velhice. Sou esperançosa e otimista, por isso mesmo não posso escrever apenas sobre coisas amenas, e infelizmente não tenho mensagem nem receita para o mundo melhorar. Pois eu sou apenas mais uma pessoa que de um lado se alegra, de outro se aflige. O número espantoso de leitores desta revista me dá uma sensação de comprometimento com a não-alienação. Escondendo a realidade é que não se vai poder mudar ou melhorar coisa nenhuma.

Acho nosso momento tristíssimo. Até jornais estrangeiros importantes, que em geral não nos dão bola, registram os fatos que andam ocorrendo no Senado e em outras __________ solenes como "coroamento da corrupção brasileira". A impressão que se tem, que eu tenho, é que ninguém anda fazendo grande coisa, ou pouca gente faz alguma coisa para melhorar. Escrever que "ninguém faz nada" é uma hipérbole literária, é como dizer, sem realmente querer dizer isso, "morri de ódio". Acho, sim, que muitos responsáveis não fazem nada, ou fazem o mal: desviam ou aplicam de maneira irresponsável dinheiro destinado aos pobres, desprezam a educação e a cultura, ________ na saúde, enganam uma montanha (não, um verdadeiro Everest...) de gente que merecia coisa melhor.

Mas também vejo muita gente fazendo muita coisa positiva, gente querendo acertar, jovens ou velhos com esperança, pessoas espalhando o bem. Cada vez que um de nós é leal com alguém, faz uma coisa boa; cada vez que respeitamos o outro com suas diferenças, seus dramas e necessidades, fazemos uma coisa boa. Cada vez que somos decentes em vez de perversos, cada vez que cultivamos compreensão e respeito em lugar de rancor, cada vez que somos carinhosos, alegres, solidários, fazemos coisas muito boas.

Cada vez que um jovem estuda, trabalha, e se constrói como pessoa produtiva e positiva, faz algo muito bom. Cada vez que um pai presta atenção no filho, cada vez que uma mãe é dedicada sem depois cobrar isso, fazem uma coisa boa. Cada vez que alguém fuma seu último cigarro, bebe seu derradeiro copo, cheira sua ultimíssima carreirinha e dá o primeiro passo numa nova vida, faz

uma coisa maravilhosa. Sempre que alguém recusa uma baforada de maconha, negando-se a homenagear os traficantes que amanhã vão matar seu filho ou trucidar seu amigo, está fazendo uma coisa muito boa.

Quando olhamos uma árvore na beira da estrada, a luz do sol num gramado, a chuva na vidraça, a criança observando um besouro, um bebê dormindo, um velho rodeado pelos filhos, estamos fazendo uma coisa muito boa; cada professor mal pago que atende com dedicação seus alunos, cada médico de uma saúde pública apodrecida que cuida com humanidade de seus doentes faz uma coisa muito boa. Sempre que uma mulher aproxima os filhos do pai mostrando que ele é um ser humano, está fazendo uma coisa boa; cada filho que abraça o pai que já não o pode sustentar faz uma coisa boa. O político que rema contra a correnteza permanecendo honrado faz uma coisa muito boa.

Fazem-se muitas coisas boas neste mundo, e por isso ainda não nos matamos. Por isso ainda estamos abertos ao belo, ao bom e ao outro. Por isso vale a pena viver. Mas, sinto muito, o ser humano é um animal predador: o desejo de destruir e arruinar coexiste em todos nós com a bondade, a decência, a dignidade. Que fazer? Somos assim. Se pudermos estar do lado do bem, querendo melhorar o mundo, viva! As coisas não estarão perdidas, a amargura não vai nos dominar, a sombra acabará fugindo da claridade, e continuaremos sendo, mais que feras, humanos. Mesmo quando alguém escreve sobre as realidades menos bonitas, elas não precisam prevalecer. E muita gente continuará fazendo muita coisa boa, aos 16 anos, aos 68 ou aos 86.

(Luft, Lya. Revista *Veja*.19 de dezembro de 2007. Texto adaptado.)

37 - (UERGS RS)

Sobre o uso de certas expressões no texto, assinaladas nos fragmentos abaixo, afirma-se que:

I. Pela leitura de ***Quase todos*** *queremos melhorar o mundo na juventude* (l.03-04), infere-se que há alguns que não fazem nada.

II. A expressão ***grande coisa*** (l. 12) equivale a ***coisa alguma***.

III. O segmento ***(não, um verdadeiro Everest...)*** (l. 16-17) intensifica o valor negativo das ações relatadas anteriormente na frase.

Quais estão incorretas?

a) Apenas I.

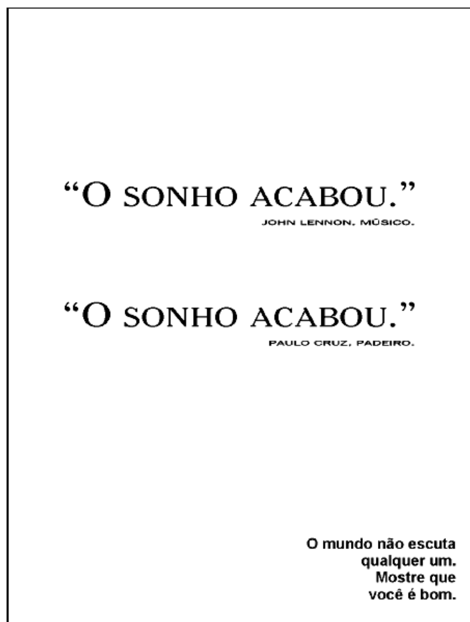
b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) Apenas I e III.

TEXTO: 7 - Comum à questão: 38



38 - (ESPM SP)

Assinale a alternativa que contenha dois recursos lingüísticos presentes no cartaz anterior:

a) Polissemia e digressão.

b) Intertextualidade e humor.

c) Ambigüidade e digressão.

d) Paranomásia e metalinguagem.

e) Parodoxo e intertextualidade.

TEXTO: 8 - Comum à questão: 39

ESTA É UMA CRISE DE SUSTENTABILIDADE

Rachel Biderman

(Coordenadora adjunta do Centro de

Estudos em Sustentabilidade da EAESP-FGV)

Não é mais possível insistir em um modelo de sociedade hiperconsumista cujos excessos causam tantos danos, inclusive ao meio ambiente. No fundo, a crise da atualidade nos mostra que é hora de resgatar valores que ficaram para trás. A sociedade precisa acordar, e já

[01]A crise financeira atual é uma crise também da sustentabilidade. É uma crise da ética [02]empresarial, do meio ambiente, dos direitos humanos e sociais, da governança corporativa, [03]enfim, de tudo o que está sob o guarda-chuva da sustentabilidade. Se houvesse [04]sustentabilidade enraizada nas organizações, a crise não estaria acontecendo. E o movimento [05]em prol da sustentabilidade empresarial e governamental tem de se fortalecer ainda mais a [06]partir de agora. Não é momento de preocupação sobre eventual arrefecimento do movimento. [07]É uma chance de trazer esse debate à tona, de chamar à responsabilidade os tomadores de [08]decisão. E jogar luz sobre os bons exemplos, para que se tornem os guias dessa nova fase da [09]história da humanidade. Os atuais tomadores de decisão têm em suas mãos a chave para um [10]futuro saudável. Aqueles que abraçarem a causa socioambiental certamente serão os líderes [11]do futuro.

[12]Essa crise põe em cheque o modelo da atual sociedade de hiperconsumo, que se [13]inspira no padrão norte-americano de consumo, cujos excessos tornam irreversíveis certos [14]danos à sociedade e ao ambiente. Não é possível todos os seres humanos manterem o [15]mesmo padrão de consumo dos norte-americanos e, quiçá, dos futuros chineses. Não há [16]recursos suficientes no planeta, nem válvula de escape para a poluição decorrente.

[17]Estamos na rota do irreversível. Não pode haver alerta mais eloquente do que os [18]quatro relatórios de cientistas de todo o mundo – inclusive do Brasil -, reunidos no Painel [19]Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU (IPCC), afirmando que a mudança [20]climática

é real, causada pelas atividades humanas, e se tornará irreversível em poucos anos. [21]O presidente do IPCC, Rajendra Pachauri, tem avisado que os próximos quatro anos serão os [22]mais definitivos da história da humanidade e que está em nossas mãos a chave do futuro.

[23]Unem-se a ele, nesse alerta, Al Gore, Nicholas Stern, dentre outros. O sistema [24]climático tem sido nosso melhor despertador. Está tocando um alarme já faz tempo, e estamos [25]com preguiça de acordar... O sono demorado pode nos fazer perder o bonde da história.

[26]Portanto, uma das tarefas que temos pela frente é trabalhar um modelo de economia [27]que se sustente não no consumo exacerbado de bens inúteis e poluentes, mas no modelo de [28]prestação de serviços que melhorem o nível de vida das pessoas. Precisamos de mais [29]inteligência. Comida há para todos no planeta, basta organizar um sistema de produção e [30]distribuição.

[31]Podemos prescindir de alguns excessos. A sociedade hiperconsumista de hoje [32]certamente não é uma sociedade feliz. A felicidade não está à venda costurada como adereço [33]de um último item da moda, numa embalagem superfashion, ou num carro hiperturbinado. Ela [34]está nas coisas simples. No fundo, precisamos de uma nova doutrina, um choque de [35]generosidade e um resgate de valores que ficaram para trás. Essa é a mensagem que a crise [36]nos traz, e o planeta também.

(AMANHÃ, n. 250, p. 34, fev. 2009.)

39 - (UCS RS)

O uso da expressão **sono demorado** (ref. 25) leva-nos a crer que a humanidade

a) tem esperado para agir.

b) costuma acordar tarde para trabalhar.

c) desligou o despertador biológico.

d) está se detendo em questões secundárias.

e) aguarda o momento ideal para despertar.

TEXTO: 9 - Comum à questão: 40

Leia atentamente o poema de Mário Quintana

OS DEGRAUS

Não desças os degraus do sonho
Para não despertar os monstros.
Não subas aos sótãos - onde
Os deuses, por trás das suas máscaras,
Ocultam o próprio enigma.
Não desças, não subas, fica.
O mistério está é na tua vida!
E é um sonho louco este nosso mundo...

(Disponível em http://www.paralerepensar.com.br/m_quintana.htm. Acesso em 25/10/09.)

40 - (UNIR RO)

Por utilizar vocábulos do mesmo campo semântico - sonho, mistério, deuses, enigma, monstros - o poeta, nas recomendações ao interlocutor, constrói uma relação com

a) uma casa desabitada.
b) a época medieval.
c) o mundo da fantasia.
d) a dualidade do mundo.
e) uma moradia idílica.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 41

Canção do vento e da minha vida

O vento varria as folhas,

O vento varria os frutos,

O vento varria as flores...

E a minha vida ficava

Cada vez mais cheia

De frutos, de flores, de folhas.

[...]

O vento varria os sonhos

E varria as amizades...

O vento varria as mulheres...

E a minha vida ficava

Cada vez mais cheia

De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses

E varria os teus sorrisos...

O vento varria tudo!

E a minha vida ficava

Cada vez mais cheia

De tudo.

BANDEIRA, M. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

41 - (ENEM)

Na estruturação do texto, destaca-se

a) a construção de oposições semânticas.

b) a apresentação de ideias de forma objetiva.

c) o emprego recorrente de figuras de linguagem, como o eufemismo.

d) a repetição de sons e de construções sintáticas semelhantes.

e) a inversão da ordem sintática das palavras.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 42

[01] No verão de 1949, os nativos estavam inquietos no país do Carnaval. [02] As cuícas iriam roncar nas ruas do Rio em fevereiro, e as válvulas [03] dos Philcos já pegavam fogo ao som dos sucessos daquele ano. De [04] três em três minutos, a Rádio Nacional martelava "Chiquita Bacana", [05] com Emilinha Borba. Era um massacre, a que nem os surdos eram[06] poupados. E até que aquele não seria um Carnaval dos piores: [07] alguns sambas e marchinhas eram divertidos, como o eufórico 08 "Que samba bom!". E dezenas de outros, feitos para durar apenas [09] por pouco tempo, mas que as pessoas aprendiam e cantavam - [10] nada a ver com os paquidérmicos sambas-enredo de hoje. As escolas [11] de samba existiam em função dos sambistas, não dos cambistas - [12] não que elas fossem muito importantes para o Carnaval. E, como [13] não existia televisão, ninguém ficava apalermado em casa, vivendo [14] vicariamente o espalhafato alheio. Saía-se às ruas para brincar e, [15] durante os dois primeiros meses do ano, todo o Rio de Janeiro era [16] um Carnaval com um elenco de milhões. Mais exatamente 2 377 451 [17] figurantes, segundo diria o IBGE em 1950.

Adaptado de *Chega de saudade*, de Ruy Castro

42 - (Mackenzie SP)

Considerado o contexto, todas as alternativas traduzem adequadamente o sentido do termo em destaque, **EXCETO**:

a) *eufórico* (Ref. 07) = exultante

b) *apalermado* (Ref. 13) = atônito

c) *vicariamente* (Ref. 14) = em substituição

d) *espalhafato* (Ref. 14) = alvoroço

e) *elenco* (Ref. 16) = conjunto de artistas famosos

TEXTO: 12 - Comum à questão: 43

Considere a passagem do livro *A vírgula*, do filólogo Celso Pedro Luft (1921-1995).

A vírgula no vestibular de português

“Mas, esta, não é suficiente.”

“Porque, as respostas, não satisfazem.”

“E por isso, surgem as guerras.”

“E muitas vezes, ele não se adapta ao meio em que vive.”

“Pois, o homem é um ser social.”

“Muitos porém, se esquecem que...”

“A sociedade deve pois, lutar pela justiça social.”

Que é que você acha de quem virgula assim?

Você vai dizer que não aprendeu nada de pontuação quem semeia assim as vírgulas. Nem poderá dizer outra coisa.

Ou não lhe ensinaram, ou ensinaram e ele não aprendeu. O certo é que ele se formou no curso secundário. Lepidamente, sem maiores dificuldades. Mas a vírgula é um "objeto não identificado", para ele.

Para ele? Para eles. Para muitos eles, uma legião. Amanhã serão doutores, e a vírgula continuará sendo um objeto não identificado. Sim, porque os três ou quatro mil menos fracos ultrapassam o vestíbulo... Com vírgula ou sem vírgula. Que a vírgula, convenhamos, até que é um obstáculo meio frágil, um risquinho. Objeto não identificado? Não, objeto invisível a olho nu. Pode passar despercebido até a muito olho de lince de examinador...

— A vírgula, ora, direis, a vírgula...

Mas é justamente essa miúda coisa, esse risquinho, que maior informação nos dá sobre as qualidades do ensino da língua escrita. Sobre o ensino do cerne mesmo da língua: a frase, sua estrutura, composição e decomposição.

Da virgulação é que se pode depreender a consciência, o grau de consciência que tem, quem escreve, do pensamento e de sua expressão, do ir-e-vir do raciocínio, das hesitações, das interpenetrações de ideias, das sequências e interdependências, e, linguisticamente, da frase e sua constituição.

As vírgulas erradas, ao contrário, retratam a confusão mental, a indisciplina do espírito, o mau domínio das ideias e do fraseado.

Na minha carreira de professor, fiz muitos testes de pontuação. E sempre ficou clara a relação entre a maneira de pontuar e o grau de cociente intelectual.

Conclusão que tirei: os exercícios de pontuação constituem um excelente treino para desenvolver a capacidade de raciocinar e construir frases lógicas e equilibradas.

Quem ensina ou estuda a sintaxe — que é a teoria da frase (ou o "tratado da construção", como diziam os gramáticos antigos) — forçosamente acaba na importância das pausas, cortes, incidências, nexos, etc., elementos que vão se espelhar na pontuação, quando a mensagem é escrita.

Pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem, no pensar e na expressão.

43 - (UNESP SP)

*As vírgulas **erradas**, ao contrário, retratam a **confusão** mental, a **indisciplina** do espírito, o **mau** domínio das ideias e do fraseado.*

As quatro palavras destacadas nesta frase, se substituídas, na ordem adequada, pelas palavras da relação abaixo, produzem outra frase, de sentido oposto:

I.. disciplina.

II.. organização.

III.. bom.

IV. corretas.

Aponte a alternativa que indica a ordem em que se deve fazer a substituição:

a) I, II, III, IV.

b) II, III, IV, I.

c) IV, II, I, III.

d) III, I, II, IV.

e) IV, I, III, II.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 44

Leia o trecho de *O feijão e o sonho*, de Orígenes Lessa.

O que Juca lamentava, em Capinzal, era a falta de companhia. Pobreza, pouco lhe importava. Em seus sonhos de futuro e de felicidade, nunca entravam os imediatismos da vida presente. Jamais comprara um bilhete de loteria, menos por pessimismo que por desinteresse. Fazer o quê, com dinheiro? Só se fosse para adquirir aquele grupo de marfim, maravilha de arte chinesa que remontava ao quinto século e pelo qual lhe tinham pedido a ninharia de seiscentos mil-réis. Passara meses com aquele tesouro a povoar os seus sonhos. Ao receber os três meses de ordenado em atraso, saíra correndo, com medo que o tivessem vendido. Felizmente, a joia era dele. Trêmulo de emoção, levou-a para casa e trancou-se no escritório humilde para contemplar o tesouro.

Mas a esposa surpreendera-o a querer esconder o objeto do crime

– O que é isso, Juca?

– Nada...

– Nada? Então deixe ver... Quanto você pagou por essa bugiganga?

– Por que é que você quer saber? Vocês nunca dão valor a essas coisas...

– Vamos, Juca. Eu tenho direito de indagar. Sou sua mulher...

Cada vez mais intrigada, já prevendo qualquer disparate do marido, Maria Rosa fincou pé. Queria saber. Se ele tivesse dado mais de dez mil-réis, com aquela miséria que andava pela casa, chegara a vez de explodir. Ainda na véspera, o Juca lhe negara dinheiro para um remédio de que a filha tinha urgência.

Ele já começava a ter remorso. Não era só questão de ponto de vista. De fato, tinha sido uma loucura. Tinham dívidas pelos cabelos. Faltava tudo em casa. Comida, roupa, remédio. O aluguel,atrasado.

(Adaptado)

44 - (FMJ SP)

Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas da frase.

Ao comparar as posturas de Juca e de sua mulher, Maria Rosa, com relação ao grupo de marfim chinês, percebe-se a diferença entre as personalidades de ambos: ele é_____________ enquanto ela é________________ .

a) imediatista ... sonhadora

b) autoritário ... submissa

c) avarento ... ambiciosa

d) generoso ... invejosa

e) devaneador ... pragmática

TEXTO: 14 - Comum à questão: 45

Leia o texto "O espetáculo nunca para", de Vilma Gryzinski.

Todo mundo em Hollywood e adjacências sabe: quem tem dinheiro consegue qualquer coisa de médicos desvirtuados. Michael Jackson conseguiu até uma mãe para dois de seus filhos, Prince e Paris (a linhagem materna do menor continua misteriosa). Debbie Rowe era enfermeira do dermatologista Arnold Kelin, que tratava do vitiligo e do branqueamento do cantor, quando foi promovida a barriga de aluguel. Um julgamento momentoso agora tenta determinar quem foi o responsável pela morte precoce de Jackson, em junho de 2009. O acusado de homicídio culposo é o cardiologista Conrad Murray, contratado como médico particular para dopar o cantor com o anestésico propofol, de uso exclusivo em procedimentos hospitalares, mas informalmente receitado aos ricos e insones como último recurso. Murray alega que, sem seu conhecimento, o cantor continuava a receber do velho Klein doses viciantes de Demerol. Não conseguia dormir nem com anestesia na veia por causa desse acachapante analgésico similar à morfina. É possível que esteja com a razão – assim como é possível que sua própria e inaceitável conduta médica tenha condenado o cantor. Um segurança já testemunhou que Murray mandou tirar frascos de medicamento do quarto de Michael Jackson antes mesmo de ligar para a emergência. Naqueles momentos dramáticos, Prince e Paris chegaram a entrar no quarto – chorando, a menina gritou: "Papai". Ele já estava com a morte estampada no rosto, exatamente como na chocante foto, reminiscente de quadros de grandes mestres mostrando o Cristo morto, divulgada pela promotoria para enfatizar a acusação contra Murray. Todo mundo em Hollywood e adjacências sabe que julgamento envolvendo celebridades pode significar fama e dinheiro para muita gente, inclusive promotores exibicionistas.

(GRYZINSKI, Vilma. In. *Veja*, Ed. 2237, p. 49,
5 de outubro de 2011. A imagem foi retirada)

45 - (UFGD MS)

Assinale a alternativa em que o termo destacado no trecho transcrito corresponde, quanto à significação, à explicação apresentada entre parênteses.

a) “Todo mundo em Hollywood e **adjacências** sabe [...]” (QUE SE ASSEMELHA).

b) “Um julgamento **momentoso** agora tenta determinar quem foi o responsável pela morte precoce de Jackson, em junho de 2009” (QUE PASSA; TRANSITÓRIO).

c) “Não conseguia dormir nem com anestesia na veia por causa desse **acachapante** analgésico similar à morfina” (QUE TEM FAMA).

d) “[...] o anestésico propofol, de uso exclusivo em procedimentos hospitalares, mas informalmente receitado aos ricos e **insones** como último recurso (AQUELES QUE AGEM COM INSENTATEZ).

e) “Ele já estava com a morte estampada no rosto, exatamente como na chocante foto, **reminiscente** de quadros de grandes mestres mostrando o Cristo morto [...]” (QUE LEMBRA).

TEXTO: 15 - Comum às questões: 46, 47

Leio o texto “Os onze – *Ayres Britto, o ex-amigo de Lula*”.

OS ONZE

Ayres Britto - O ex-amigo de Lula

[...]

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Carlos Ayres de Britto, tornou-se a grande decepção do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na cúpula do Judiciário. No último gesto em desacordo com o Lula, Ayres Britto marcou o julgamento do mensalão para o início de agosto, em

plena campanha eleitoral. Lula queria empurrar a decisão, pelo menos, para 2013. O empenho de Ayres Britto se explica em parte pelas pressões que o Supremo sofre para julgar logo o caso. Ao mesmo tempo, assegura sua participação no clímax do mais badalado e complexo processo da história da corte. No dia 18 de novembro deste ano, Ayres completará 70 anos e se aposentará, como determina a lei. Antes disso, registrará na biografia o papel de protagonista de um momento especial do Supremo.

Lula indicou Ayres Britto para o STF no primeiro semestre de 2003, logo depois de chegar ao Palácio do Planalto. Ele fez a escolha com a expectativa de que teria no Supremo um aliado para as grandes causas do governo. [...].

Advogado, professor universitário e poeta, Ayres Britto também fazia política em Sergipe. Era filiado ao PT, partido pelo qual se candidatou mais de uma vez. Dono de uma bem sucedida banca de advocacia, tinha um padrão de vida muito superior ao dos militantes petistas. Lula costumava contar com Ayres Britto de **cicerone**, quando visitava Aracaju nos anos anteriores à primeira eleição para presidente da República. Em seu carro com ar condicionado, Lula desfrutava a conversa agradável, a cultura e a gentileza do correligionário sergipano. Não eram amigos íntimos, mas nutriam simpatia mútua. Alguns setores do PT local resistiam à presença em suas fileiras daquele advogado de hábitos refinados.

Seu nome estava nos planos de Lula para o STF desde a campanha eleitoral de 2002. Antes da escolha definitiva, Ayres Britto ainda contou com três padrinhos influentes. Os juristas de São Paulo Dalmo Dalari, Fábio Konder Comparato e Celso Bandeira de Mello fizeram gestões a seu favor. Com tantas recomendações, o poeta nascido em Propiá, Sergipe, com reconhecida atuação acadêmica e profissional na área do Direito, assumiu uma cadeira no Supremo no dia 25 de junho de 2003. Para o PT, era a primeira vez que um militante do partido passava a integrar o STF.

No lugar onde esperava um aliado, Lula deparou com um homem disposto a ostentar independência em relação ao Palácio do Planalto. Logo que chegou ao Supremo, Ayres Britto votou contra o governo numa ação relacionada à Previdência. Ele se opôs à cobrança de imposto sobre os vencimentos dos inativos. Embora surpreso, Lula aceitou a postura do ministro que escolhera.

A paciência acabou em 2010, quando Ayres Britto presidiu o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Em abril daquele ano, o TSE condenou Lula a uma multa de R$ 5 mil, por fazer campanha antecipada para a pré-candidata Dilma Rousseff durante a inauguração de uma obra em Manguinhos, Rio de Janeiro. Durante o julgamento e em entrevistas, Ayres Britto repreendeu o comportamento de Lula. Disse que o uso da máquina administrativa para fazer campanha era antirrepublicano, parte de um projeto de continuísmo no poder. Lula interpretou o discurso como um gesto agressivo contra a candidatura de Dilma. Ficou irritado e reclamou do comportamento do ministro com um dos juristas que apadrinharam sua indicação.

[...]. Nos poucos meses na presidência do STF, ele ainda empunhou uma bandeira corporativa: tomou a frente de reivindicação de aumento salarial para o Judiciário.

[...]. No ano passado, o ministro Ricardo Lewandowski, revisor do caso, disse que a demora em tomar a decisão poderia levar à prescrição de alguns crimes.

A repercussão foi ruim. [...]. Lewandowski resistiu alguns dias, reclamou da interferência em seu trabalho, mas cedeu às pressões e atendeu ao pedido. A distância entre Lula e o presidente do STF ficou maior. Quando os dois se encontram, cumprimentam-se com cortesia, sem entusiasmo. Mais que qualquer outro integrante do Supremo, Ayres Britto concentra as mágoas do presidente que o indicou.

Fonte: Revista *Época*, Edição 742, 6 de agosto de 2012, p. 60-78.

46 - (UFGD MS)

Assinale a alternativa que contém o sentido equivalente ao da seguinte oração: “Vilã do mau uso do dinheiro público, corrupção ainda seduz!”.

a) Corrupção ainda seduz, pois é vilã do mau uso do dinheiro público.

b) Corrupção ainda seduz, embora vilã do mau uso do dinheiro público.

c) A corrupção é vilã do mau uso do dinheiro público, por isso ainda seduz.

d) A corrupção ainda seduz porque é vilã do mau uso do dinheiro público.

e) A corrupção seduz porque ainda é vilã do mau uso do dinheiro público.

47 - (UFGD MS)

Marque a alternativa que contém um sinônimo para a expressão “cicerone”, em destaque no texto.

a) Amigo.

b) Guia.

c) Militante.

d) Advogado.

e) Parceiro.

TEXTO: 16 - Comum à questão: 48

Oh retrato da morte, oh noite amiga
Por cuja escuridão suspiro há tanto!
Calada testemunha do meu pranto,
De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda Amor, que a ti somente os diga,
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumas, ouve, enquanto
Dorme a cruel, que a delirar me obriga:

E vós, oh cortesãos da escuridade,
Fantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero fartar meu coração de horrores.

(Bocage. *Sonetos*, 1994.)

48 - (UFTM MG)

No contexto do poema, o verso – *Por cuja escuridão suspiro há tanto!* – equivale a

a) Há tanto suspiro a escuridão da noite amiga!

b) Há tanto suspiro quanto escuridão da noite amiga!

c) Suspiro na escuridão da noite amiga há tanto!

d) Suspiro há tanto pela escuridão da noite amiga!

e) Da escuridão da noite amiga suspiro há tanto!

TEXTO: 17 - Comum à questão: 49

Considere o fragmento de uma peça do teatrólogo Guilherme Figueiredo (1915-1997).

A raposa e as uvas

(Casa de Xantós, em Samos. Entradas à D., E., e F. Um gongo. Uma mesa. Cadeiras. Um “clismos*”. Pelo pórtico, ao fundo, vê-se o jardim. Estão em cena Cleia, esposa de Xantós, e Melita, escrava. Melita penteia os cabelos de Cleia.)

MELITA: — (Penteando os cabelos de Cleia.) *Então Rodópis contou que Crisipo reuniu os discípulos na praça, apontou para o teu marido e exclamou: “Tens o que não perdeste”. Xantós respondeu: “É certo”. Crisipo continuou: “Não perdeste chifres”. Xantós concordou: “Sim”. Crisipo finalizou: “Tens o que não perdeste; não perdeste chifres, logo os tens”.* (Cleia ri.) *Todos riram a valer.*

CLEIA: — É engenhoso. É o que eles chamam sofisma. Meu marido vai à praça para ser insultado pelos outros filósofos?

MELITA: — Não; Xantós é extraordinariamente inteligente... No meio do riso geral, disse a Crisipo: “Crisipo, tua mulher te engana, e no entanto não tens chifres: o que perdeste foi a vergonha!” E aí os discípulos de Crisipo e os de Xantós atiraram-se uns contra os outros...

CLEIA: — Brigaram? (Assentimento de Melita.) *Como é que Rodópis soube disto?*

MELITA: — Ela estava na praça.

CLEIA: — Vocês, escravas, sabem mais do que se passa em Samos do que nós, mulheres livres...

MELITA: — As mulheres livres ficam em casa. De certo modo são mais escravas do que nós.

CLEIA: — É verdade. Gostarias de ser livre?

MELITA: — Não, Cleia. Tenho conforto aqui, e todos me consideram. É bom ser escrava de um homem ilustre como teu marido. Eu poderia ter sido comprada por algum mercador, ou algum soldado, e no entanto tive a sorte de vir a pertencer a Xantós.

CLEIA: — Achas isto um consolo?

MELITA: — Uma honra. Um filósofo, Cleia!

CLEIA: — Eu preferia que ele fosse menos filósofo e mais marido. Para mim os filósofos são pessoas que se encarregam de aumentar o número dos substantivos abstratos.

MELITA: — Xantós inventa muitos?

CLEIA: — Nem ao menos isto. E aí é que está o trágico: é um filósofo que não aumenta o vocabulário das controvérsias. Já terminaste?

MELITA: — Quase. É bom pentear teus cabelos: meus dedos adquirem o som e a luz que eles têm. Xantós beija os teus cabelos? (Muxoxo de Cleia.) *Eu admiro teu marido.*

CLEIA: — Por que não dizes logo que o amas? Gostarias bastante se ele me repudiasse, te tornasse livre e se casasse contigo...

MELITA: — Não digas isto... Além do mais, Xantós te ama...

CLEIA: — À sua maneira. Faço parte dos bens dele, como tu, as outras escravas, esta casa...

MELITA: — Sempre que viaja te traz presentes.

CLEIA: — Não é o amor que leva os homens a dar presentes às esposas: é a vaidade; ou o remorso.

MELITA: — Xantós é um homem ilustre.

CLEIA: — É o filósofo da propriedade: "Os homens são desiguais: a cada um toca uma dádiva ou um castigo". É isto democracia grega... É o direito que o povo tem de escolher o seu tirano: é o direito que o tirano tem de determinar: deixo-te pobre; faço-te rico; deixo-te livre; faço-te escravo. É o direito que todos têm de ouvir Xantós dizer que a injustiça é justa, que o sofrimento é alegria, e

que este mundo foi organizado de modo a que ele possa beber bom vinho, ter uma bela casa, amar uma bela mulher. Já terminaste?

MELITA: — Um pouco mais, e ainda estarás mais bela para o teu filósofo.

CLEIA: — O meu filósofo... Os filósofos são sempre criaturas cheias demais de palavras...

(*) Espécie de cama para recostar-se.

(Guilherme Figueiredo. *Um deus dormiu lá em casa*, 1964.)

49 - (UNESP SP)

Entre as frases, extraídas do texto, aponte a que consiste num raciocínio fundamentado na percepção de uma contradição:

a) *Tenho conforto aqui, e todos me consideram.*

b) *As mulheres livres ficam em casa. De certo modo são mais escravas do que nós.*

c) *É bom pentear teus cabelos: meus dedos adquirem o som e a luz que eles têm.*

d) *Os filósofos são sempre criaturas cheias demais de palavras...*

e) *Xantós é extraordinariamente inteligente...*

TEXTO: 18 - Comum à questão: 50

Considere dois trechos de um artigo de Alexandre Oliva sobre a importância do uso de *software* na educação.

Software Livre, isto é, software que respeita as liberdades dos usuários de executar o software para qualquer propósito, de estudar o código fonte do software e adaptá-lo para que faça o que o usuário deseje, de fazer e distribuir cópias do software, e de melhorá-lo e distribuir as melhorias,

permite que pessoas usem computadores sem abrir mão de serem livres e independentes, sem aceitar condições que os impeçam de obter ou criar conhecimento desejado.

Software que priva o usuário de qualquer dessas liberdades não é Livre, é privativo, e mantém usuários divididos, dependentes e impotentes. Não é uma questão técnica, não tem nada a ver com preço nem com a tarefa prática desempenhada pelo software. Um mesmo programa de computador pode ser Livre para alguns usuários e não-Livre para outros, e tanto os Livres quanto os privativos podem ser grátis ou não. Mas além do conhecimento que foram projetados para transmitir, um deles ensinará liberdade, enquanto o outro ensinará servidão.

[...]

Se o usuário depender de permissão do desenvolvedor do software para instalá-lo ou utilizá-lo num computador qualquer, o desenvolvedor que decida negá-la, ou exija contrapartida para permiti-la, efetivamente terá controle sobre o usuário. Pior ainda se o software armazenar informação do usuário de maneira secreta, que somente o fornecedor do software saiba decodificar: ou o usuário paga o resgate imposto pelo fornecedor, ou perde o próprio conhecimento que confiou ao seu controle. Seja qual for a escolha, restarão menos recursos para utilizar na educação.

Ter acesso negado ao código fonte do programa impede o educando de aprender como o software funciona. Pode parecer pouco, para alguém já acostumado com essa prática que pretende também controlar e, por vezes, enganar o usuário: de posse do código fonte, qualquer interessado poderia perceber e evitar comportamento indesejável, inadequado ou incorreto do software. Através dessa imposição de impotência, o fornecedor cria um monopólio sobre eventuais adaptações ao software: só poderão ser desenvolvidas sob seu controle. Pior ainda: cerceia a curiosidade e a criatividade do educando. Crianças têm uma curiosidade natural para saber como as coisas funcionam. Assim como desmontam um brinquedo para ver suas entranhas, poderiam querer entender o software que utilizam na escola. Mas se uma criança pedir ao professor, mesmo o de informática, que lhe ensine como funciona um determinado programa privativo, o professor só poderá confessar que é um segredo guardado pelo fornecedor do software, que a escola aceitou não poder ensinar ao aluno. Limites artificiais ao que os alunos poderão almejar descobrir ou aprender são a antítese da educação, e a escolha de modelos de negócio de software baseados numa suposta necessidade de privação e controle desse conhecimento não deve ser incentivada por ninguém, muito menos pelo setor educacional.

(Alexandre Oliva. *Software privativo é falta de educação*.

http://revista.espiritolivre.org)

50 - (UNESP SP)

No fragmento do artigo apresentado, em todas as referências a *software,* a palavra “Livre” aparece com inicial maiúscula e a palavra “privativo” com inicial minúscula. Aponte a alternativa que explica essa diferença em função do próprio contexto do artigo:

a) Foi seguido o preceito segundo o qual todos os nomes próprios do idioma devem ser escritos sempre com inicial maiúscula.

b) A maiúscula foi necessária no contexto para ressaltar o fato de que as palavras “livre” e “privativo” pertencem a classes gramaticais diferentes.

c) O autor escreveu a inicial maiúscula na palavra “livre” sem nenhum motivo justificável em função do texto do artigo.

d) A inicial maiúscula em “livre” foi empregada como recurso estilístico para enfatizar a grande importância que o autor atribui a tal tipo de *software*.

e) Trata-se de um recurso que o autor utilizou, ao rascunhar o artigo, para localizar a palavra “livre” e depois esqueceu de apagar.

TEXTO: 19 - Comum à questão: 51

O silêncio é a matéria significante por excelência, um continuum significante. O real da comunicação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso.

O homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.

Numa certa perspectiva, a dominante nos estudos dos signos, se produz uma sobreposição entre linguagem (verbal e não-verbal) e significação.

Disso decorreu um recobrimento dessas duas noções, resultando uma redução pela qual qualquer matéria significante fala, isto é, é remetida à linguagem (sobretudo verbal) para que lhe seja atribuído sentido.

Nessa mesma direção, coloca-se o "império do verbal" em nossas formas sociais: traduz-se o silêncio em palavras. Vê-se assim o silêncio como linguagem e perde-se sua especificidade, enquanto matéria significante distinta da linguagem.

(Eni Orlandi. *As formas do silêncio*, 1997.)

51 - (UNIFESP SP)

No segundo parágrafo do texto, empregam-se as aspas no termo *"condenado"* para

a) atribuir-lhe um segundo sentido, equivalente a culpado.

b) reforçar-lhe o sentido contextual, equivalente a predestinado.

c) marcá-lo com sentido conotativo, equivalente a reprovável.

d) enfatizar-lhe o sentido denotativo, equivalente a desgraçado.

e) destituí-lo do sentido literal, equivalente a buliçoso.

TEXTO: 20 - Comum à questão: 52

A superação da dor

Novas informações sobre os mecanismos que nos levam a sentir dor ajudam na criação de alternativas capazes de dar alívio aos pacientes

[1] Um dos instrumentos mais importantes de [2]defesa do organismo. Assim pode ser resumida a [3]dor. Se quebrarmos o braço, sentimos dor, e assim [4]sabemos que não devemos usá-lo para não piorar a [5]fratura. Se encostarmos em uma superfície quente, a [6]variação de temperatura nos faz tirar a mão, evitando [7]que o calor destrua a derme. Se há infecção em [8]algum órgão, cólicas intensas avisam que algo errado [9]acontece. Sem a dor, seria impossível manter a [10]integridade de nosso corpo. Em alguns casos, porém, [11]esse orquestrado sistema de defesa sai do eixo. Em [12]vez de proteger, vira uma ameaça. Por mecanismos [13]complexos, a dor, que deveria ser apenas um [14]alerta, torna-se perene, constante. Transforma-se [15]na chamada dor crônica – aquela que persiste por [16]mais de três meses ou por um período superior ao [17]calculado para a recuperação do paciente. Além [18]de desafiador, o problema tem grande extensão. [19]A Organização Mundial da Saúde calcula que, no [20]mundo, a cada cinco pessoas, uma sofra com a dor [21]permanente.

[22] A urgência em dar alívio a essa população [23]tem feito com que, no mundo todo, cientistas se [24]entreguem à busca de uma melhor compreensão dos [25]mecanismos que levam às sensações dolorosas e de [26]novas formas de intervir nesse processo quando ele [27]se torna prejudicial. Se por um lado ainda há muito o [28]que ser descoberto, por outro, os avanços da ciência [29]já são capazes de garantir a uma boa parcela desses [30]pacientes a possibilidade de uma vida sem dor.

[31] Pode parecer paradoxal, mas algumas das [32]respostas têm sido dadas a partir de pesquisas com [33]pessoas que simplesmente não sentem dor. Trabalho [34]desse gênero está sendo realizado no Centro de [35]Dor do Hospital das Clínicas de São Paulo (HC-SP). [36]Entre os indivíduos estudados estão os irmãos [37]Marisa Helena, 24 anos, e Reinaldo Martins, 30 anos. [38]Os dois moram em Angatuba (SP). Suas histórias [39]evidenciam a importância da dor para garantir uma [40]vida segura. Mãe de duas meninas, Marisa precisou [41]ser acordada durante seu segundo parto: o bebê [42]já estava nascendo, e ela permanecia dormindo. [43]Reinaldo teve de amputar a perna após uma grave [44]inflamação no joelho. Ele não sentiu os tecidos [45]infeccionarem. Até coisas banais, como comer, [46]oferecem risco. Eles não percebem, por exemplo, [47]quando põem um alimento muito quente na boca e [48]só sabem que morderam a língua quando sai sangue. [49]Sem o aviso da dor, os tecidos do corpo de Marisa [50]e Reinaldo estão constantemente ameaçados. [51]É preciso uma rotina de cuidados redobrados que [52]inclui uma inspeção diária em busca de possíveis [53]lesões. Quando a ameaça não está visível, o problema [54]fica mais sério. No último mês, Marisa foi ao hospital [55]após sentir febre por dias seguidos. Nada lhe doía. [56]Os exames, porém, revelaram uma infecção urinária [57]e um cálculo biliar. “Eu queria sentir dor, mesmo que [58]fosse um pouquinho”, diz a agricultora.

COSTA, Rachel. A superação da dor. **Revista Isto é**, São Paulo, n. 2173, 06 jul. 2011, p.76-77.

52 - (UNIFICADO RJ)

Em “esse **orquestrado** sistema de defesa...” (ref. 11), o sentido que o vocábulo destacado apresenta é

a) inusitado

b) coordenado

c) esporádico

d) inesperado

e) atípico

TEXTO: 21 - Comum à questão: 53

[1] Sabe-se que dietas com alta densidade [2] energética, ricas em gorduras (particularmente as [3] de origem animal) e pobres em fibras alimentares, [4] associadas à redução da atividade física, ao [5] tabagismo e ao consumo excessivo de álcool [6] podem explicar parte substancial dos casos de [7] algumas doenças crônicas como, por exemplo, a [8] obesidade, as doenças cardiovasculares, o [9] diabetes mellitus e a síndrome metabólica, tanto [10] em países desenvolvidos como em [11] desenvolvimento.

[12] Neumann et al., em estudo transversal realizado [13] no Município de São Paulo, Brasil, encontraram [14] associações positivas e estatisticamente [15] significantes entre maior risco cardiovascular e [16] padrões de consumo de alimentos caracterizados, [17] entre outros, pela maior ingestão habitual de [18] açúcares, gorduras saturadas, sal de adição e [19] álcool.

[20] Como apontaram Alves et al., Lenz et al. e Hu, [21] em estudos epidemiológicos em que se pretende [22] investigar o papel da dieta no desenvolvimento de [23] doenças crônicas, a avaliação dos padrões de [24] consumo de alimentos apresenta vantagens em [25] relação ao procedimento tradicional que considera [26] apenas a ingestão dos nutrientes, isoladamente. [27] Tal abordagem permite, com maior facilidade, [28] estabelecer estratégias factíveis para a prevenção [29] ou tratamento das doenças.

[30] Diversos fatores interferem nas opções [31] alimentares de indivíduos ou populações, entre [32] eles, os biológicos (sexo, idade, etnia), [33] socioeconômicos (renda e escolaridade) e de [34] estilo de vida (tabagismo, atividade física). Além [35] disso, como mostraram Levy-Costa et al. e Sichieri [36] et al., a disponibilidade local/regional de alimentos [37] tem papel importante na definição de tais padrões, [38] indicando que variáveis relacionadas [39] exclusivamente ao indivíduo não são suficientes [40] para explicá-los.

[41] Assim, dentro desse contexto, o presente [42] estudo teve como objetivos descrever os padrões [43] de consumo de alimentos mais frequentemente [44] encontrados entre residentes no Município de [45] Ribeirão Preto, São Paulo, e identificar quais [46] fatores se associam a eles (sociodemográficos, de [47] estilo de vida e de saúde).

Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 27(3):533-545, mar, 2011. Adaptado.

53 - (USP Faculdade de Saúde Pública SP)

No contexto gramatical do segundo parágrafo do excerto, a expressão “entre outros” (Ref. 17) poderia (e mereceria) ser sucedida pela palavra

a) desejos.

b) aspectos.

c) gostos.

d) idiotismos.

e) absurdos.

TEXTO: 22 - Comum à questão: 54

No caminho da volta

[1] Todas as noites, antes de deitar, despedia-se [2] para sempre da mulher e dos filhos, sem que nada, [3] naquela casa, lhe pertencesse a ponto de retê-lo.

[4] Há muito sonhava.

[5] Longas viagens que no escuro do quarto o levavam [6] a terras incandescentes, parado o corpo sobre a [7] cama, enquanto o outro, sem limites, percorria mundos.

[8] E não podia prever a noite em que, presas as [9] asas do seu sonho em palmeiras de coral, se veria [10] impedido de voltar.

COLASANTI, Marina. No caminho de volta. **Contos de Amor Rasgados**.
Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 129.

54 - (UNIFICADO RJ)

O conjunto de expressões do texto que pertencem ao campo semântico do sonho é

a) “antes de deitar” (Ref. 1), “Longas viagens” (Ref. 5), “no escuro do quarto” (Ref. 5)

b) “Todas as noites” (Ref. 1), “no escuro do quarto” (Ref. 5), “sem limites” (Ref. 7)

c) “antes de deitar” (Ref. 1), “para sempre” (Ref. 2), “terras incandescentes” (Ref. 6)

d) “Longas viagens” (Ref. 5), “terras incandescentes” (Ref. 6), “sem limites” (Ref. 7)

e) “para sempre” (Ref. 2), “o corpo sobre a cama” (Ref. 6-7), “palmeiras de coral” (Ref. 9)

TEXTO: 23 - Comum à questão: 55

ASMÁTICOS E ASMÓLOGOS

Não sei por que veio bater aqui em casa uma revista médica. Tomei conhecimento de como a betaciclodextrina é metabolizada em glicose. Mas o que me impressionou mesmo foi o que há de novidade em matéria de terapêutica da asma. Meu conhecimento no ramo não foi adquirido nos livros. Ainda que remoto, é saber de experiência feito. Uma vez imaginei fundar um clube dos asmáticos. Fôlego curto, o Octavio Malta foi um que se entusiasmou.

Mas os asmáticos não são muito unidos. Tampouco os ex-asmáticos. É o meu caso, apesar de uma ou outra ameaça que lá de vez em quando me assusta. E quase sempre nos momentos mais inoportunos. Uma noite em Madri tive de sair de um jantar direto para uma farmácia. Se não opusesse feroz resistência, me recolhiam a um pronto-socorro com direito a balão de oxigênio. Lá se vão vinte anos. Foi minha última crise, espero. Última, isto é, derradeira.

Do tal clube dos asmáticos ficou uma crônica do Paulo Mendes Campos. Para o asmático, dizia ele, não há nada mais ofensivo do que perguntar se asma pega. Pois não é contagiosa. É de nascença e não mata. Dizem até que garante vida longa. Se não tiver complicação, o asmático fica pra semente. Como a tuberculose nos velhos tempos, a asma teria afinidade com certo tipo de gente. Gente sensível e inteligente. Verdade ou não, é um consolo.

Proust, por exemplo, todo mundo sabe que foi asmático. Vivia num sufoco tremendo, fechado naquele quarto forrado de cortiça. Isso nos seus últimos anos de vida, depois que encerrou a fase mundana. O que eu não sabia e a tal revista me informou é que há hoje a asmologia. E há asmólogos, claro. Aliás, aí em São Paulo existe um *Jornal da Asma.* Graças ao seu editor, dr. Charles K. Naspitz, pude ler exemplares de vários números.

Boa parte do mistério e até, por que não?, do encanto da asma é porque se trata de uma doença hereditária e noturna. Ataca de preferência à noite. E se retira com o sol. Na velha ortografia, escrevia-se *asthma*. Palavra grega, tem a ver com aspirar. A reforma ortográfica cortou o *th*. Se por um lado simplificou o nome da doença, por outro aliviou a dispneia dos *asthmaticos*. Um acesso em Paris, por exemplo, ainda hoje é bem mais grave. O *th* não soa, mas em francês ainda se escreve *asthme*.

Imagine o que sofreu o pobre do Machado de Assis. Não sabia que ele era asmático? Eu também não. Sabíamos que era epiléptico. Pois o *Jornal da Asma* o inclui entre os asmáticos. Já tinha ouvido falar no estilo de gago do Machado. Sim, também era gago. Há de ver que o ritmo da sua prosa vem é da asma. Outro que pagou tributo à sufocação foi o Graciliano Ramos. Fumava que nem um desesperado. Cigarro mata-rato. E asmático! Eu o conheci e não sabia.

Explica-se por aí o temperamento abespinhado do Velho Graça. Outro asmático foi Augusto dos Anjos. Aquele pessimismo todo, coitado, era falta de ar. Vivia a um passo da asfixia, numa época em que a asmologia apenas engatinhava. Não se sabia o que hoje se sabe, ou se propala. Sendo uma forma de hipersensibilidade, que tem a ver com a respiração, isto é, com a própria vida, a asma inclina a pessoa para as letras e as artes. Dura compensação!

(RESENDE, Otto Lara. Bom dia para nascer. S.P.:
Companhia das Letras, 2011, p.p.76-78. Texto adaptado.)

55 - (FCM MG)

A supressão do termo grifado comprometeria o sentido da respectiva frase em:

a) "**Lá** se vão vinte anos." (Ref. 9)

b) "...que tem a ver com a respiração, **isto é,** com a própria vida," (Ref. 35)

c) "...uma ou outra ameaça que **lá** de vez em quando me assusta." (Ref. 7)

d) "Mas o que me impressionou **mesmo** foi o que há de novidade em matéria de terapêutica da asma." (Ref. 2)

TEXTO: 24 - Comum à questão: 56

A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

1° As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. "Assim faço a diferença", costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. "Sou mesmo", diz. "Mas isso significa ser tudo." Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisseia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.

2° Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.

3º O símbolo "0" e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. "O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo", diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

4º A cultura indiana antiga já trazia uma noção de vazio bem antes do conceito matemático de zero. "Num dicionário de sânscrito, você encontra uma explicação bastante detalhada sobre o termo indiano para o zero, que é *shúnya*", afirma o físico Roberto de Andrade Martins, do Grupo de História e Teoria da Ciência da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Como adjetivo, *shúnya* significa vazio, deserto, estéril. Aplica-se a uma pessoa solitária, sem amigos; a um indivíduo indiferente ou insensível. O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo, uma ação sem resultados. Como substantivo, *shúnya* refere-se ao nada, ao vácuo, à inexistência. A partir do século VIII d.C., os árabes levaram para a Europa, junto com os outros algarismos, tanto o símbolo que os indianos haviam criado para o zero quanto à própria ideia de vazio, nulo, não-existente. E difundiram o termo *shúnya* – que, em árabe, se tornou *shifr* e foi latinizado para *zephirum*, depois *zéfiro*, *zefro* e, por fim, zero.

5º Bem distante da Índia, nas Américas, por volta dos séculos IV e III a.C., os maias também deduziram uma representação para o nada. O sistema de numeração deles era composto por pontos e traços, que indicavam unidades e dezenas. Tinham duas notações para o zero. A primeira era uma elipse fechada que lembrava um olho. Servia para compor os números. A segunda notação, simbólica, remetia a um dos calendários dos maias. O conceito do vazio era tão significativo entre eles que havia uma divindade específica para o zero: era o deus Zero, o deus da Morte. "Os maias foram os inventores desse número no continente americano. A partir deles, outros grupos, como os astecas, conheceram o princípio do zero", diz o historiador Leandro Karnal, da Unicamp.

6º E os geniais gregos, o que pensavam a respeito do zero? Nada. Apesar dos avanços na geometria e na lógica, os gregos jamais conceberam uma representação do vazio, que, para eles, era um conceito até mesmo antiestético. Não fazia sentido existir vazio num mundo tão bem organizado e lógico – seria o caos, um fator de desordem. (Os filósofos pré-socráticos levaram em conta o conceito de vazio entre as partículas, mas a ideia não vingou.) Aristóteles chegou a dizer que a natureza tinha horror ao vácuo.

7º "Conceber o conceito do zero exigiu uma abstração muito grande", diz o historiador da matemática Ubiratan D'Ambrosio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Quando o homem aprendeu a calcular, há cerca de 5.000 anos, fazia associações simples a partir de situações concretas: para cada ovelha, uma pedrinha. Duas ovelhas, duas pedrinhas e assim por diante. "Se sobrassem pedras, o pastor sabia que provavelmente alguma ovelha tinha sido atacada por um lobo ou se desgarrado das demais", diz o matemático Irineu Bicudo, da Universidade

Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro. O passo seguinte foi representar graficamente esses números com símbolos e fazer contas com eles.

8° Os babilônios, que viveram na Mesopotâmia (onde hoje é o Iraque) por volta do ano 2.500 a.C., foram os primeiros a chegar a uma noção de zero. Pioneiros na arte de calcular, criaram o que hoje se chama de “sistema de numeração posicional”. Apesar do nome comprido, a ideia é simples. “Nesse sistema, os algarismos têm valor pela posição que ocupam”, explica Irineu. Trata-se do sistema que utilizamos atualmente. Veja o número 222 – o valor do 2 depende da posição em que ele se encontra: o primeiro vale 200, o segundo 20 e o terceiro 2. Outros povos antigos, como os egípcios e os gregos, não usavam esse sistema – continuavam a atribuir a cada número um sinal diferente, fechando os olhos para a possibilidade matemática do zero.

9° O sistema posicional facilitou, e muito, os cálculos dos babilônios. Contudo, era comum que muitas contas resultassem em números que apresentavam uma posição vazia, como o nosso 401. (Note que, depois do 4, não há número na casa das dezenas. Se você não indicasse essa ausência com o zero, o 401 se tornaria 41, causando enorme confusão.) O que, então, os babilônios fizeram? Como ainda não tinham o zero, deixaram um espaço vazio separando os números, a fim de indicar que naquela coluna do meio não havia nenhum algarismo (era como se escrevêssemos 4_1). O palco para a estreia do zero estava pronto. Com o tempo, para evitar qualquer confusão na hora de copiar os números de uma tábua de barro para outra, os babilônios passaram a separar os números com alguns sinais específicos. “Os babilônios tentaram representar graficamente o nada, mostrando o abstrato de uma forma concreta”, diz Ubiratan.

10° Perceba como um problema prático – a necessidade de separar números e apontar colunas vazias – levou a uma tentativa de sinalizar o não-existente. “Trata-se de uma abstração bastante sofisticada representar a inexistência de medida, o vazio enquanto número, ou seja, o zero”, diz a historiadora da ciência Ana Maria Alfonso Goldfarb, da PUC. “Temos apenas projeções culturais a respeito do que é abstrato”, afirma Leandro Karnal. Na tentativa de tornar concreta uma situação imaginária, cada povo busca as referências que tem à mão. Veja o caso dos chineses: eles representavam o zero com um caractere chamado ling, que significava “aquilo que ficou para trás”, como os pingos de chuva depois de uma tempestade.

Trata-se de um exercício tremendo de abstração. Você já parou para pensar como, pessoalmente, encara o vazio?

11° Apesar de ser atraente, o zero não foi recebido de braços abertos pela Europa, quando apareceu por lá, levado pelos árabes. “É surpreendente ver quanta resistência a noção de zero encontrou: o medo do novo e do desconhecido, superstições sobre o nada relacionadas ao diabo, uma relutância em pensar”, diz o matemático americano Robert Kaplan, autor do livro *The Nothing That Is* (O Nada que Existe, recém-lançado no Brasil) e orientador de um grupo de estudos sobre a matemática na Universidade Harvard. O receio diante do zero vem desde a Idade Média. Os povos medievais o ignoravam solenemente. “Com o zero, qualquer um poderia fazer contas”, diz Ana Maria. “Os

matemáticos da época achavam que popularizar o cálculo era o mesmo que jogar pérolas aos porcos." Seria uma revolução.

12° Por isso, Kaplan considera o zero um número subversivo. "Ele nos obriga a repensar tudo o que alguma vez já demos por certo: da divisão aritmética à natureza de movimento, do cálculo à possibilidade de algo surgir do nada", afirma. Tornou-se fundamental para a ciência, da computação à astronomia, da química à física. "O cálculo integral e diferencial,desenvolvido por Newton e Leibniz, seria inviável sem o zero", diz Walter Maciel. Nesse tipode cálculo, para determinar a velocidade instantânea de um carro, por exemplo, você deve levar em conta um intervalo de tempo infinitamente curto, que tende a zero. (É estranho calcular quanto o carro se deslocou em "zero segundos", mas é assim que funciona.) "O cálculo integral está na base de tudo o que a ciência construiu nos últimos 200 anos", diz Maciel.

13° Ainda hoje o conceito de zero segue revirando nossas ideias. Falta muito para entendermos a complexidade desse número. Para o Ocidente, o zero continua a ser uma mera abstração. Segundo Eduardo Basto de Albuquerque, professor de história das religiões da Unesp, em Assis, o pensamento filosófico ocidental trabalha com dois grandes paradigmas que não comportam um vazio cheio de sentido, como o indiano: o aristotélico (o mundo é o que vemos e tocamos com nossos sentidos) e o platônico (o mundo é um reflexo de essências imutáveis e eternas, que não podemos atingir pelos sentidos e sim pela imaginação e pelo conhecimento). "O Ocidente pensa o nada em oposição à existência de Deus: se não há Deus, então é o nada", diz Eduardo. Ora, mesmo na ausência, poderia haver a presença de Deus. E o vazio pode ser uma realidade. É só pensar na teoria atômica, desenvolvida no século XX: o mundo é formado por partículas diminutas que precisam de um vazio entre elas para se mover.

14° Talvez o zero assuste porque carrega com ele um outro paradigma: o de um nada que existe efetivamente.

15° Na matemática, por mais que pareça limitado a um ou dois papéis, a função do zero também é "especial" – como ele mesmo faz questão de mostrar – porque, desde o primeiro momento, rebelou-se contra as regras que todo número precisa seguir. O zero viabilizou a subtração de um número natural por ele mesmo (1 – 1 = 0). Multiplicado por um algarismo à escolha do freguês, não deixa de ser zero (0 x 4 = 0). Pode ser dividido por qualquer um dos colegas (0 ÷ 3 = 0), que não muda seu jeitão. Mas não deixa nenhum número – por mais pomposo que se julgue – ser dividido por ele, zero. Tem ainda outros truques. Você pensa que ele é inútil? "Experimente colocar alguns gêmeos meus à direita no valor de um cheque para você ver a diferença", diz o zero. No entanto, mesmo que todos os zeros do universo se acomodem no lado esquerdo de um outro algarismo nada muda. Daí a expressão "zero à esquerda", que provém da matemática e indica nulidade ou insignificância.

16° Mas o zero – como você pôde ver – decididamente não é um zero à esquerda. "Foi uma surpresa constatar como é central a ideia de zero: o nada que gera tudo", diz Kaplan. E mais: há quem diga

que o zero é parente do infinito, outra abstração que mudou as bases do pensamento científico, religioso e filosófico. “Eles são equivalentes e opostos, yin e yang”, escreve o jornalista americano Charles Seife, autor de *Zero: The Biography of a Dangerous Idea* (Zero: A Biografia de uma Ideia Perigosa), lançado no ano passado nos Estados Unidos. O epíteto atribuído ao zero no título – ideia perigosa – não está ali por acaso. “Apesar da rejeição e do exílio, o zero sempre derrotou aqueles que se opuseram a ele”, afirma Seife. “A humanidade nunca conseguiu encaixar o zero em suas filosofias. Em vez disso, o zero moldou a nossa visão sobre o universo – e também sobre Deus.” E influenciou, sorrateiramente, a própria filosofia. De fato, trata-se de um perigo.

Disponível em <http://super.abril.com.br/ciencia/importancia-numero-zero-442058.shtml>. Acesso em 14 mar. 2012. (ADAPTADO)

Texto II

CERTAS COISAS (Lulu Santos)

(1) Não existiria som

(2) Se não houvesse o silêncio

(3) Não haveria luz

(4) Se não fosse a escuridão

(5) A vida é mesmo assim,

(6) Dia e noite, não e sim...

(7) Cada voz que canta o amor não diz

(8) Tudo o que quer dizer,

(9) Tudo o que cala fala

(10) Mais alto ao coração.

(11) Silenciosamente eu te falo com paixão...

(12) Eu te amo calado,

(13) Como quem ouve uma sinfonia

(14) De silêncios e de luz.

(15) Nós somos medo e desejo,

(16) Somos feitos de silêncio e som,

(17) Tem certas coisas que eu não sei dizer...

(18) A vida é mesmo assim,

(19) Dia e noite, não e sim...

(20) Cada voz que canta o amor não diz

(21) Tudo o que quer dizer,

(22) Tudo o que cala fala

(23) Mais alto ao coração.

(24) Silenciosamente eu te falo com paixão...

(25) Eu te amo calado,

(26) Como quem ouve uma sinfonia

(27) De silêncios e de luz,

(28) Nós somos medo e desejo,

(29) Somos feitos de silêncio e som,

(30) Tem certas coisas que eu não sei dizer...

Disponível em <http://letras.terra.com.br/lulu-santos/35063/> Acesso em 15 mar. 2012.

56 - (IME RJ)

"Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente **inócuo**" (2º parágrafo, texto I). O adjetivo em destaque pode ser substituído, **sem mudança de sentido**, por:

a) inofensivo

b) indecente

c) insolente

d) inabalável

e) inábil

TEXTO: 25 - Comum à questão: 57

TEXTO 1



QUINO. *Que presente inapresentável*. São Paulo:
WMF Martins Fontes, 2010. p. 87.

TEXTO 2

[1] Revista de maior circulação no mundo, a *Time* mostrou como ficaram tênues os limites entre a ciência e a ficção. [2] Em reportagem de capa, intitulada “Jovem para sempre”, não descarta nas entrelinhas a chance de que um dia, quem [3] sabe, se descubra não a cura das doenças, mas a cura da morte.

[4] Menos sutilmente, estimula a esperança de que talvez o ser humano possa chegar aos 300 anos. A revista [5] ancora o sonho em moscas e minhocas que, tratadas em laboratórios, passaram a viver muitas vezes mais. A suspeita [6] é de que, em algum lugar, seria possível desmontar um relógio que determina o aparecimento de rugas, seios caídos, [7] pernas flácidas, queda de cabelo.

[8] Ao tentar separar fantasias e bom senso, a reportagem estabelece como hipótese realista que, a partir das [9] descobertas médicas das próximas três décadas, a expectativa de vida suba para 120 anos. Seria a continuação do impacto [10] provocado pelo inglês Alexander Fleming, que descobriu o primeiro antibiótico.

[11] Traduzindo: as crianças de hoje se lembrariam de seus pais – ou seja, nós – como pessoas que morreram jovens [12] porque não completaram 80 anos. Assim como achamos que nossos tataravós morriam cedo porque não completavam [13] 60 anos de idade.

[14] Os novos mitos nutridos pela tecnologia reforçam o absurdo brasileiro. Dezenas de milhares de crianças que [15] não completam parcos 12 meses de vida morrem anualmente, porque simplesmente não têm comida ou bebem água [16] contaminada.

DIMENSTEIN, Gilberto. Expectativa de vida. In: _____ .
Aprendiz do futuro. São Paulo: Ática: 2004. (fragmento)

57 - (PUC RS)

No contexto em que foram empregados, os adjetivos “tênues” (Ref. 01) e “parcos” (Ref. 15) significam, respectivamente,

a) “limitados” e “infelizes”.

b) “finos” e “doentios”.

c) “sutis” e “míseros”.

d) “escassos” e “exíguos”.

e) “insignificantes” e “comedidos”.

TEXTO: 26 - Comum à questão: 58

Claudius tirou do bolso um papel amarelado e amarrotado: atirou-o na mesa. Johann leu:

Não me odeies, mulher, se no passado
Nódoa sombria desbotou-me a vida:
No vício ardente requeimando os lábios
E de tudo descri com fronte erguida.

A máscara de Don Juan queimou-me o rosto
Na fria palidez do libertino:
Desbotou-me esse olhar – e os lábios frios
Ousam de maldizer do meu destino.
Sim! longas noites no fervor do jogo

Esperdicei febril e macilento:

E votei o porvir ao Deus do acaso

E o amor profanei no esquecimento!

Murchei no escárnio as coroas do poeta

Na ironia da glória e dos amores:

Aos vapores do vinho, à noite insano

Debrucei-me do jogo nos fervores!

A flor da mocidade profanei-a

Entre as águas lodosas do passado

No crânio a febre, a palidez nas faces

Só cria no sepulcro sossegado!

(Álvares de Azevedo. *Noite na Taverna*, 2001.)

58 - (UFTM MG)

No contexto em que estão empregados, os termos *nódoa*, *profanei* e *escárnio* significam, respectivamente,

a) mancha, ofendi e orgulho.

b) desonra, maculei e zombaria.

c) símbolo, protegi e sarcasmo.

d) mácula, desdenhei e esquecimento.

e) marca, afastei e desdém.

TEXTO: 27 - Comum à questão: 59

Considere um fragmento de *Glória moribunda,* do poeta romântico brasileiro Álvares de Azevedo (1831-1852).

É uma visão medonha uma caveira?
Não tremas de pavor, ergue-a do lodo.
Foi a cabeça ardente de um poeta,
Outrora à sombra dos cabelos loiros.
Quando o reflexo do viver fogoso
Ali dentro animava o pensamento,
Esta fronte era bela. Aqui nas faces
Formosa palidez cobria o rosto;
Nessas órbitas — ocas, denegridas! —
Como era puro seu olhar sombrio!

Agora tudo é cinza. Resta apenas
A caveira que a alma em si guardava,
Como a concha no mar encerra a pérola,
Como a caçoula a mirra incandescente.

Tu outrora talvez desses-lhe um beijo;
Por que repugnas levantá-la agora?
Olha-a comigo! Que espaçosa fronte!

Quanta vida ali dentro fermentava,

Como a seiva nos ramos do arvoredo!

E a sede em fogo das ideias vivas

Onde está? onde foi? Essa alma errante

Que um dia no viver passou cantando,

Como canta na treva um vagabundo,

Perdeu-se acaso no sombrio vento,

Como noturna lâmpada apagou-se?

E a centelha da vida, o eletrismo

Que as fibras tremulantes agitava

Morreu para animar futuras vidas?

Sorris? eu sou um louco. As utopias,

Os sonhos da ciência nada valem.

A vida é um escárnio sem sentido,

Comédia infame que ensanguenta o lodo.

Há talvez um segredo que ela esconde;

Mas esse a morte o sabe e o não revela.

Os túmulos são mudos como o vácuo.

Desde a primeira dor sobre um cadáver,

Quando a primeira mãe entre soluços

Do filho morto os membros apertava

Ao ofegante seio, o peito humano

Caiu tremendo interrogando o túmulo...

E a terra sepulcral não respondia.

(*Poesias completas,* 1962.)

59 - (UNESP SP)

E a centelha da vida, o eletrismo

No contexto em que é empregado, o termo *eletrismo*, que não consta dos dicionários, significa:

a) o fato de a morte ter sido por choque elétrico.

b) o dinamismo presente em todos os tecidos do ser vivo.

c) a característica de quem é versado nas belas-letras.

d) o resultado do longo processo de letramento.

e) a existência eletrizante dos poetas românticos.

TEXTO: 28 - Comum à questão: 60

OCORREU-ME compor umas certas regras para uso dos que frequentam bondes. O desenvolvimento que tem sido entre nós esse meio de locomoção, essencialmente democrático, exige que ele não seja deixado ao puro capricho dos passageiros. Não posso dar aqui mais do que alguns extratos do meu trabalho; basta saber que tem nada menos de setenta artigos. Vão apenas alguns.

ART. I – Dos encatarroados

Os encatarroados podem entrar nos bondes com a condição de não tossirem mais de três vezes dentro de uma hora, e no caso de pigarro, quatro.

Quando a tosse for tão teimosa, que não permita esta limitação, os encatarroados têm dois alvitres: – ou irem a pé, que é bom exercício, ou meterem-se na cama. Também podem ir tossir para o diabo que os carregue.

Os encatarroados que estiverem nas extremidades dos bancos, devem escarrar para o lado da rua, em vez de o fazerem no próprio bonde, salvo caso de aposta, preceito religioso ou maçônico, vocação, etc., etc.

ART. II – Da posição das pernas

As pernas devem trazer-se de modo que não constranjam os passageiros do mesmo banco. Não se proíbem formalmente as pernas abertas, mas com a condição de pagar os outros lugares, e fazê-los ocupar por meninas pobres ou viúvas desvalidas, mediante uma pequena gratificação.

ART. III – Da leitura dos jornais

Cada vez que um passageiro abrir a folha que estiver lendo, terá o cuidado de não roçar as ventas dos vizinhos, nem levar- -lhes os chapéus. Também não é bonito encostá-los no passageiro da frente.

ART. V — Dos amoladores

Toda a pessoa que sentir necessidade de contar os seus negócios íntimos, sem interesse para ninguém, deve primeiro indagar do passageiro escolhido para uma tal confidência, se ele é assaz cristão e resignado. No caso afirmativo, perguntar-se-lhe-á se prefere a narração ou uma descarga de pontapés. Sendo provável que ele prefira os pontapés, a pessoa deve imediatamente pespegá-los. No caso aliás extraordinário e quase absurdo, de que o passageiro prefira a narração, o proponente deve fazê-lo minuciosamente, carregando muito nas circunstâncias mais triviais, repetindo os ditos, pisando e repisando as coisas, de modo que o paciente jure aos seus deuses não cair em outra.

ART. VII – Das conversas

Quando duas pessoas, sentadas a distância, quiserem dizer alguma coisa em voz alta, terão cuidado de não gastar mais de quinze ou vinte palavras, e, em todo caso, sem alusões maliciosas, principalmente se houver senhoras.

ART. IX – Da passagem às senhoras

Quando alguma senhora entrar o passageiro da ponta deve levantar-se e dar passagem, não só porque é incômodo para ele ficar sentado, apertando as pernas, como porque é uma grande má-criação.

(Machado de Assis. Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/ Cr%C3%B4nica_de_ Machado_de_Assis_de_4_de_julho_de_1883. Adaptado)

60 - (Unicastelo SP)

Na frase – os encatarroados têm **dois alvitres** (Artigo I) –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por

a) duas obrigações.

b) dois paradeiros.

c) dois prejuízos.

d) duas ameaças.

e) duas recomendações.

TEXTO: 29 - Comum à questão: 61

Leia trechos da entrevista do médico Raul Cutait à revista *Veja*.

Só não errou o cirurgião que nunca operou. Errar é parte de qualquer atividade humana, em especial quando em fases iniciais de aprendizado. O que todo médico deve ter em mente é que cada resultado indesejado precisa motivar uma intensa reflexão, começando pela pergunta mais crua: será que errei? Eu poderia ter tomado alguma decisão diferente? O que será preciso fazer para evitar que esse evento indesejado ocorra no futuro em uma situação semelhante? Essas perguntas refletem humildade, virtude que tanto se ensina cultivar nas escolas de medicina, mas que raramente se vê sendo praticada no cotidiano dos médicos. A humildade é o instrumento mais eficaz na escolha da conduta médica mais adequada, porque ela coíbe a onipotência.

Estamos vivendo um momento especialmente perigoso. O Brasil tem 185 faculdades de medicina em funcionamento. Boa parte delas não tem condições básicas de oferecer cursos de medicina de qualidade. O governo falhou clamorosamente ao permitir que esses cursos fossem abertos e falha ao permitir que eles continuem em funcionamento. São escolas sem corpo docente qualificado e sem estrutura hospitalar adequada ao ensino. Por isso, é insuficiente o número de vagas para a residência, etapa fundamental na qualificação do médico. Apenas 60% dos médicos formados hoje tiveram acesso à residência médica. É justamente na residência médica, sob a coordenação de um profissional experimentado, que se tem contato com as melhores práticas. A partir dessa etapa, cada um voará de acordo com sua competência, interesse e dedicação.

(*Veja*, 25.01.2012. Adaptado.)

61 - (Unifev SP)

Nos trechos – *O governo falhou* ***clamorosamente*** *ao permitir* e *A humildade é o instrumento mais eficaz na escolha da conduta médica mais adequada, porque ela* ***coíbe*** *a* ***onipotência*** –, as palavras em destaque podem ser substituídas, sem alteração de sentido, respectivamente, por

a) inadvertidamente; comprova; dignidade pessoal.

b) injustamente; proporciona; presença poderosa.

c) intensamente; fortalece; arrogância exagerada.

d) evidentemente; reprime; poder absoluto.

e) arrebatadamente; expõe; autoridade ilimitada.

TEXTO: 30 - Comum à questão: 62

[1]Acompanho essa revista desde seu início e devo dizer que [2]há edições que maravilham os leitores e outras que os deixam [3]exasperados. No entanto, agora vocês se superaram. A escolha [4]do ator para a capa deve ser elogiada de tão insípida que é, assim [5]como suas cores e as bobagens presentes na entrevista. Queria que [6]me informassem quanto valem as páginas dedicadas ao artista que [7]estampa a capa, pois seria desejável um ressarcimento ou, ao menos, [8]gostaria de saber qual foi meu prejuízo financeiro, já que para minha [9]perda intelectual não há reparação.

Adaptação de carta de leitor publicada na *Revista Bravo*

62 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa que apresenta palavra que pode substituir, corretamente e sem prejuízo do sentido original, a que está em destaque.

a) (ref. 02) *maravilham* = deslumbram

b) (ref. 03) *exasperados* = pasmados

c) (ref. 04) *insípida* = insensível

d) (ref. 07) *ressarcimento* = financiamento

e) (ref. 09) *reparação* = contestação

TEXTO: 31 - Comum à questão: 63

Os intelectuais e suas ideias

[1] Quando se discute o papel do intelectual no Brasil, [2] nota-se, no discurso de Milton Santos, uma grande [3] coerência entre o que sugere como sendo o dever a ser [4] cumprido por todo intelectual brasileiro e o seu próprio [5] exemplo de grande pensador e militante das causas [6] humanas, em diferentes contextos econômicos, sociais, [7] políticos e culturais do Brasil.

[8] Ao tratar dos elementos que considera [9] particularmente importantes nessa atuação, ressalta [10] que, em um mundo em que as ideias são um respaldo [11] necessário aos processos de reconstrução democrática, [12] os intelectuais apresentam um papel fundamental. No [13] entanto, destaca que, na atualidade, esses mesmos [14] intelectuais têm destinado seus esforços mais no sentido [15] de favorecer uma militância de discursos ambíguos e [16] momentâneos do que para um trabalho permanente e [17] gradual de conscientização coletiva.

[18] "A prática do consumo gera um sentimento ilusório [19] de realização pessoal e isso garante a continuidade do [20] sistema lucrativo das grandes empresas". Os [21] intelectuais, segundo Milton Santos, deveriam se esmerar [22] em fazer eco às reivindicações mais profundas das [23] populações carentes, no sentido de intervir nos projetos [24] políticos e sociais do país. Dessa forma, caberia a [25] eles oferecer à sociedade, por meio dos mais diversos [26] segmentos, organizados ou não (associações, [27] sindicatos, igrejas, partidos), uma profunda [28] reflexão social de sua própria realidade contraditória, [29] alertando-os sobre as possibilidades de um fazer político [30] que esteja condizente com as demandas e os interesses [31] sociais da maioria da população.

[32] Talvez por essa imensa preocupação em relação [33] às intervenções que os intelectuais deveriam carregar [34] como princípio de sua práxis, nosso pesquisador [35] brasileiro define que, para ele,

intelectual é o indivíduo [36] que tem um compromisso único com a verdade e que [37] está muito mais preocupado com o prestígio do que [38] com o poder.

[39] Se entender que o mundo de hoje é um problema [40] para os intelectuais brasileiros, o nosso prêmio Nobel [41] da Geografia Brasileira observou que nas teses, de um [42] modo geral, de praticamente todos os centros e [43] faculdades, o mundo é quase ignorado. E estudar o [44] mundo é, segundo ele, trabalhar com o "como" ensinar [45] à população sobre o que é o mundo, quais são as [46] relações que comandam a vida nacional, como é que [47] os fenômenos sociais e econômicos se realizam, por [48] meio de um discurso crítico e não de uma mera análise.

[49] Talvez uma das maiores contribuições da filosofia [50] seja a de ajudar a resgatar a liberdade humana. Segundo [51] Flusser, a filosofia é necessária porque, mesmo em um [52] mundo programado por grandes blocos econômicos, ela [53] traz o exercício do pensar sobre o significado que cada [54] homem pode dar à sua própria vida e, ao mesmo tempo, [55] consegue apontar para um caminho de liberdade.

[56] Nesse papel filosófico, não apenas do intelectual, [57] mas também da própria universidade, cabe a construção [58] de uma visão abrangente e dinâmica do que é o mundo, [59] do que é o país, do que é o lugar, e o papel de denúncia, [60] isto é, de proclamação clara do que é o mundo, o país, [61] e o lugar, dizendo tudo isso em voz alta. Essa crítica é [62] o próprio trabalho do intelectual e poderia ser o trabalho [63] do professor e do pesquisador.

VENÂNCIO, Adriana**.** Os intelectuais e suas ideias. **Globalização e reorganização histórica**. Portal Ciência e Vida. Disponível em: <http:// leiturasda historia.uol. com.br/ ESLH/Edicoes/51/globalizacao-ereorganizacao historica-as-ideias-em-varias-areas-263551-1.asp>. Acesso em: 13 jun. 2013.

63 - (UEFS BA)

Considerando-se o contexto em que se insere, a leitura correta do termo transcrito é a indicada na alternativa

a) "No entanto" (*Refs*. 12-13) – Não obstante.

b) "segundo" (*Ref*. 21) – por meio de.

c) "no sentido de" (*Ref*. 23) – prestes a.

d) "Dessa forma" (*Ref*. 24) – Posto que.

e) “isto é” (*Ref*. 60) – na verdade.

TEXTO: 32 - Comum à questão: 64

Porta de colégio

[1] Passando pela porta de um colégio, me veio [2] a sensação nítida de que aquilo era a porta da [3] própria vida. Banal, direis. Mas a sensação era [4] tocante. Por isso, parei, como se precisasse ver [5] melhor o que via e previa.

[6] Primeiro há uma diferença de clima entre [7] aquele bando de adolescentes espalhados pela [8] calçada, sentados sobre carros, em torno de [9] carrocinhas de doces e refrigerantes, e aqueles [10] que transitam pela rua. Não é só o uniforme. [11] Não é só a idade. É toda uma atmosfera, como [12] se estivessem ainda dentro de uma redoma ou [13] aquário, numa bolha, resguardados do mundo.

[14] Talvez não estejam. Vários já sofreram a [15] pancada da separação dos pais. Aprenderam [16] que a vida é também um exercício de [17] separação. Um ou outro já transou droga, e [18] com isso deve ter se sentido [19] (equivocadamente) muito adulto. Mas há uma [20] sensação de pureza angelical misturada com [21] palpitação sexual, que se exibe nos gestos [22] sedutores dos adolescentes.

[23] Onde estarão esses meninos e meninas [24] dentro de dez ou vinte anos?

[25] Aquele ali, moreno, de cabelos longos [26] corridos, que parece gostar de esporte, vai se [27] interessar pela informática ou economia; [28] aquela de cabelos louros e crespos vai ser dona [29] de boutique; aquela morena de cabelos lisos [30] quer ser médica; a gorduchinha vai acabar [31] casando com um gerente de multinacional; [32] aquela esguia, meio bailarina, achará um [33] diplomata. Algumas estudarão Letras, se [34] casarão, largarão tudo e passarão parte do dia [35] levando filhos à praia e à praça e pegando-os [36] de novo à tardinha no colégio. [...]

[37] Estou olhando aquele bando de adolescentes [38] com evidente ternura. Pudesse passava a mão [39] nos seus cabelos e contava-lhes as últimas [40] histórias da carochinha antes que o lobo feroz [41] as assaltasse na esquina. Pudesse lhes diria [42] daqui: aproveitem enquanto estão no aquário e [43] na redoma, enquanto estão na porta da vida e [44] do colégio. O destino também passa por aí. E a [45] gente pode às vezes modificá-lo.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Affonso Romano de Sant'Anna:* seleção e prefácio de Letícia Malard. Coleção Melhores Crônicas. p. 64-66.

64 - (UECE)

Atente ao parágrafo quatro, que é constituído de assertivas do enunciador sobre os adolescentes que vê na porta do colégio, partindo de previsões feitas por ele mesmo.

I. Poderíamos dividir o parágrafo em duas partes, considerando a oposição individual/coletivo.

II. Em uma das assertivas, verifica-se quebra de paralelismo sintático-semântico.

III. Todas as assertivas constituem previsões.

Está correto o que se afirma em

a) I e III apenas.

b) I e II apenas.

c) I, II e III.

d) II e III apenas.

TEXTO: 33 - Comum à questão: 65

Leia os textos a seguir, publicados no site do jornal Folha de S. Paulo, em um mês de 2013.

(A) Bolsa anticrack

Com grande espanto e indignação li a manchete “Governo de SP exclui menor de idade da ’bolsa anticrack”’ (“Cotidiano”, 10/5). Segundo a reportagem, os menores de idade – que somam 38% dos usuários – não serão beneficiados pela bolsa anticrack, porque o Estado diz que não há clínicas especializadas no atendimento a adolescentes. Isso mostra que o Estado não está voltado para todos. Os jovens – que possuem mais chances de serem recuperados do mundo das drogas, pois ainda têm uma longa vida pela frente – são ignorados pelo Estado. Os adolescentes merecem uma atenção maior, merecem mais uma chance. O ideal seria investir em campanhas educativas voltadas aos jovens e no fortalecimento do atendimento ambulatorial, onde o paciente é tratado sem a obrigação de ser internado.

(Adaptado de: Jean-Pierre Mickael K. Fleury, 14 anos (São Paulo-SP).)

(B) Bolsa anticrack

Em referência à carta “Bolsa anticrack” (Painel do Leitor, 12/5), o Estado possui, sim, atendimento a crianças e adolescentes com problemas de dependência química. Mas esse serviço é distinto do que é oferecido a adultos dentro do Programa Estadual de Enfrentamento ao Crack, agora denominado de Programa Recomeço, porque segue o que determina o Estatuto da Criança e do Adolescente. Para estes casos, conforme o ECA, não é permitido, no mesmo espaço, atender adultos e adolescentes. É importante ressaltar que o Cartão Recomeço é mais uma das ações do Programa Recomeço, e não a única. O atendimento a crianças e adolescentes é prestado nos acolhimentos. A dependência química é tratada pelos profissionais nesses equipamentos sociais.

(Adaptado de: Rodrigo Garcia, Secretário de Estado de Desenvolvimento Social (São Paulo-SP).)

65 - (UEL PR)

Sobre os recursos linguístico-semânticos presentes no texto A, assinale a alternativa correta.

a) O conectivo “porque” antecipa a consequência expressa na frase “não há clínicas especializadas no atendimento a adolescentes”.

b) O conectivo “porque” expressa a ideia de conclusão a respeito dos beneficiários da bolsa disponibilizada pelo poder público.

c) O conectivo "pois" indica a ideia de explicação que subsidia o argumento sobre as chances de recuperação dos jovens.

d) O conectivo "pois" enfatiza o contraste entre as ideias expressas no período quanto às particularidades temporais.

e) O conectivo "onde" remete ao destaque atribuído, na frase, às campanhas educativas caracterizadas pela ênfase no fortalecimento dos jovens.

TEXTO: 34 - Comum à questão: 66

E se todo mundo fosse obeso?

É mais provável que a população passasse mais tempo em cima das esteiras do que em cadeiras flutuantes, como no futuro poluído e balofo do filme Wall-E. Isso porque continuaríamos lutando para ser saudáveis. Afinal, obesidade é uma doença crônica. Hipertensão, diabetes, colesterol alto e problemas cardíacos são apenas a cereja de um bolo gigantesco com granulado e cobertura de chocolate escorrendo pelos cantos. Obesidade é a segunda maior causa evitável de câncer, perdendo apenas para o cigarro.

Segundo um levantamento do Ministério da Saúde, 48,5% dos brasileiros pesam mais do que deveriam e 15,8% são, de fato, obesos. O que é pouco se comparado aos 35,7% de habitantes obesos nos Estados Unidos.

A humanidade está engordando. A projeção

da OMS é que o mundo tenha 700 milhões de obesos. O governo gastaria mais com saúde do que com qualquer outra coisa. Se todo mundo ficasse assim, várias adaptações seriam necessárias. Para começar, João Gordo seria só João. E Jô Soares diria apenas: "beijo do Jô".

(Revista Superinteressante, 311. Novembro/2012)

66 - (UEPA)

No trecho: "Afinal, obesidade é uma doença **crônica**. Hipertensão, diabetes, colesterol alto e problemas cardíacos são apenas a cereja de um bolo gigantesco com granulado e cobertura de

chocolate escorrendo pelos cantos", a alternativa que substitui com sentido diferente o termo destacado é:

a) rápida

b) momentânea

c) veloz

d) difícil

e) dispersiva

TEXTO: 35 - Comum à questão: 67

Texto 1 Jornal Opção

Goiânia, de 20 a 26 de outubro de 2013. Adaptado.

Chico Buarque e Caetano Veloso rejeitam biografias não autorizadas.

O que têm a esconder dos leitores?

Euler de França Belém

Chico Buarque e Caetano Veloso são artistas talentosos, às vezes até apresentados como intelectuais. O segundo, sobretudo, escreve artigos e concede entrevistas ***em que*** *debate com intelectuais gabaritados, como Roberto Schwarz. Chico escreve romances inspirados no* nouveau roman *e, como Caetano, é um compositor do primeiro time. Porém, quando se unem numa campanha contra as biografias não autorizadas, mostram que não diferem dos políticos autoritários que, há pouco tempo, censuravam livros e músicas.*

É certo que há biógrafos e biógrafos. Alguns especializam-se em escarafunchar a lama e nada acrescentam de enriquecedor para a cultura. Mas tais "pesquisadores" logo são esquecidos e **seus**

livros são ridicularizados pelos leitores. Caem logo na lata de lixo da falta de seriedade. A posição de Chico e Caetano — que lideram outros artistas e copiam Roberto Carlos (quem diria!) — prejudica muito os biógrafos sérios, como Fernando Morais, Ruy Castro, Lira Neto e Mário Magalhães.

As biografias escritas por Morais (autor da excelente “Chatô: O Rei do Brasil”), Ruy Castro (escreveu biografias de Nelson Rodrigues, Garrincha, Carmen Miranda), Lira Neto (biógrafo exemplar de Castello Branco, José de Alencar e Getúlio Vargas) e Magalhães (autor de uma biografia seminal de Carlos Marighella) contribuem para entender a vida dos personagens e também, talvez sobretudo, para compreender o período em que viveram e criaram. O objetivo **deles** é mostrar os homens em sua inteireza, porque só biografias amplas, nuançadas, podem explicar a complexidade dos indivíduos. Mas nenhuma delas denigre a imagem dos biografados. Pelo contrário, **eles** ficam até “maiores”. As biografias autorizadas costumam ser menos biografias e mais hagiografias. Como se sabe, lugar de santo é na igreja, não nas livrarias ou nas estantes (e computadores) dos leitores. O que Chico, Caetano e Gilberto Gil têm a esconder? Roberto Carlos ao menos tem uma perna mecânica. Além do trauma.

Texto 2 Folha de S.Paulo, 20 out. 2013



Texto 3 Revista Veja, 21 out. 2013

Página infeliz da nossa história

Jerônimo Teixeira

São apenas três os tipos de biografias. Existem as autorizadas e as não autorizadas, ambas, a despeito de sua qualidade, úteis à sociedade. O terceiro tipo é um tiro no pé das democracias, é a biografia censurada. Pois é justamente esse o tipo de biografia que nossos ídolos querem ver

prevalecer no Brasil. Nossos ídolos não são mais os mesmos. Eles passaram a semana inteira tentando, em vão, explicar que acham sensato o biografado censurar sua biografia, mas que isso não significa a morte da liberdade, justamente a causa que os tomou célebres, admirados, amados e, claro, biografáveis! Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil enfiaram-se em um labirinto retórico de dar dó. A cada nova justificativa, desciam mais um degrau do autoritarismo. A cada falsidade desmascarada, desciam um ponto na escala da admiração que conquistaram no coração dos brasileiros.

[...]

Está em jogo neste debate, um princípio inegociável da democracia: a liberdade de expressão. **Embora** seja vital para todo e qualquer cidadão, a liberdade de expressão deveria ser especialmente cara a quem tem na arte o seu ofício, e **talvez** ainda mais aos músicos da geração que nos anos 60 e 70, sofreu com a censura do regime militar. **No entanto,** foram estes que se mobilizaram para solapar esse fundamento do Estado de direito. No grupo ridiculamente chamado Procure Saber, capitaneado pela hábil empresária Paula Lavigne, estão Chico, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Djavan, Milton Nascimento, Erasmo Carlos e Roberto Carlos. De início, o grupo organizou-se para pedir mudanças na legislação sobre direitos autorais. **Mas**, no encontro que a trupe teve com a presidente para falar desse tema, Roberto Carlos aproveitou para adiantar sua preocupação maior: a manutenção dos dispositivos do Código Civil que permitem o veto a biografias não autorizadas. Esses pontos da lei estão sendo contestados, no Supremo Tribunal Federal, por uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) movida pela Associação Nacional de Editores de Livros.

[...]

As biografias são, desde a Antiguidade, fontes de informação preciosas — saberíamos menos sobre Alexandre, o Grande, ou Júlio César sem as Vidas Paralelas, de Plutarco —, mas não são apenas coleções aleatórias de fatos: elas oferecem uma interpretação do personagem e de seu tempo. "Nenhuma biografia é definitiva. Na França, deve estar na casa do milhão o número de biografias de Napoleão e a cada uma delas se renova a percepção sobre o personagem", diz a historiadora Mary Del Priore. É difícil e doloroso caracterizar Caetano, Gil, Chico e companhia como censores. Não combina com eles e suas obras. Talvez essa recaída no obscurantismo seja apenas uma página infeliz da nossa história.

67 - (Fac. Direito de Franca SP)

Em “A cada nova justificativa, desciam mais um degrau do autoritarismo” (final do primeiro parágrafo do texto 3), o uso da linguagem figurada intenciona

a) denunciar que quanto mais tentavam se explicar, mais distantes do autoritarismo ficavam.

b) evidenciar que as desculpas apresentadas pelos artistas os aproximaram do autoritarismo.

c) explicar o que são procedimentos autoritários.

d) fazer com que o leitor considere o argumento de autoridade a favor da biografia autorizada.

e) ressaltar que as explicações dos ídolos brasileiros os distanciou do autoritarismo.

TEXTO: 36 - Comum à questão: 68

Considere o texto abaixo, publicado na Folha de S.Paulo [15 set.2013] e adaptado para fins de vestibular.

Médicos brasileiros: sofrimento interminável

MIGUEL SROUGI



A medicina oferece a seus profissionais um privilégio sem paralelo: aliviar o sofrimento e resgatar seres para a vida. Infelizmente, esses momentos não se perenizam, ora por atitudes indevidas dos próprios médicos, ora por omissão de governantes inescrupulosos.

Isso é o que acontece neste momento da nação. Feridos na sua autoestima, os médicos posicionaram-se incorretamente contra a vinda de profissionais estrangeiros, na

contramão de um movimento planetário. Em todos os países, faltam médicos, sobretudo para atuar em saúde básica. Calcula-se que, nos EUA, exista um deficit de 15.230 médicos; na região de Yorkshire, na Inglaterra, os serviços de emergência não contam com médicos à noite. Foi preciso recorrer ao Exército.

Pecaram também os médicos, postando-se contra a participação de enfermeiras, psicólogos ou fisioterapeutas na assistência direta a pacientes. Posição lógica quando se lida com doenças mais complexas, mas irracional em saúde básica. Ademais, seriam criadas oportunidades de trabalho para os brasileiros.

Ao contrário dos médicos, que assumiram posições inconsistentes por ingenuidade ou romantismo, presenciamos uma reação disparatada dos nossos governantes aos clamores das ruas. Para dissimular a indecência na saúde, propuseram um conjunto de medidas falaciosas; a principal delas, importar médicos cubanos para atender nos grotões. Ideia com grande apelo aos mais distraídos, mas de difícil implantação por afrontar as leis, a soberania e os valores brasileiros.

Determinadas a contornar as resistências, nossas autoridades adotaram um estratagema perverso. Desencadearam uma campanha de demonização dos médicos brasileiros.

Gesto perigoso, por incitar o confronto entre cidadãos brasileiros, num país que é desigual porque tem governantes incompetentes ou desonestos. Gesto injusto, porque insulta uma legião de médicos brasileiros que têm dedicado suas vidas aos mais pobres. Médicos que têm, em média, três empregos e que ganham um salário inicial de R$ 1.200, como ocorre em Goiás. Vinculados a uma profissão na qual 48% dos seus membros trabalham, semanalmente, de 20 a 50 horas a mais do que a população comum.

Médicos que também são vítimas da inépcia dos nossos governantes. Que, por descumprirem suas obrigações, arruinaram e produziram, nos últimos cinco anos, o fechamento de 286 hospitais ligados ao SUS. Pior ainda, governo cujo Ministério da Saúde deixou de utilizar, por inoperância, R$ 9 bilhões dos recursos a ele destinados em 2012. Valor com o qual teriam sido construídas e equipadas cerca de 18 mil unidades básicas de saúde, garantindo uma assistência qualificada a milhões de desvalidos e reduzindo o número de corpos que despencam nas filas intermináveis dos hospitais públicos.

Diante do caos, seria ainda possível corrigir a tragédia que nos assola? Acho que sim, até atrevo-me a fazer algumas sugestões. 1) Alocar, de forma sincera, recursos substanciais na área da saúde. 2) Entregar a direção do Ministério da Saúde e do SUS a gestores competentes e sinceros, e não a políticos oportunistas. 3) Entregar a gestão dos hospitais públicos a organizações sociais sem fins lucrativos. 4) Aperfeiçoar e aumentar a abrangência das equipes de Saúde da Família. 5) Atualizar coerentemente as tabelas de ressarcimento do SUS. 6) Criar um plano de cargos e salários condignos para os médicos atuarem em saúde básica, associado a oportunidades de trabalho e estudo para suas famílias. 6) Legalizar e contratar equipes multiprofissionais para prestarem atendimento em saúde básica, auxiliando ou substituindo os médicos onde eles inexistem. 8) Alijar

os corruptos que se locupletam na saúde. 9) Promover um aumento imediato de 20% a 30% de vagas nas escolas médicas, com financiamento governamental. 10) Inserir os médicos brasileiros nesse processo de reconstrução da saúde nacional.

Os cidadãos desassistidos serão melhor amparados, o governo cumprirá com mais dignidade o seu papel social e os médicos terão amenizados seus momentos de sofrimento interminável.

MIGUEL SROUGI, 66, pós-graduado em urologia pela
Universidade Harvard, é professor titular de urologia da Faculdade de Medicina
da USP e presidente do conselho do Instituto Criança é Vida.

68 - (FMABC SP)

Qual o efeito de sentido pretendido com o uso da palavra em destaque no quinto parágrafo aqui reproduzido?

Determinadas a contornar as resistências, nossas autoridades adotaram um estratagema perverso.

*Desencadearam uma campanha de **demonização** dos médicos brasileiros.*

a) Apresentar juízo de valor quanto aos médicos brasileiros que ficaram demonizados com a atitude das autoridades brasileiras.

b) Reforçar a ideia de quão malévola é a atitude dos governantes em relação aos médicos que resistem contra providências enganosas.

c) Julgar de modo metafórico a forma com que se manifestam os médicos quanto à vinda de estrangeiros para exercer a profissão no Brasil.

d) Reiterar a ideia do posicionamento favorável da classe médica em relação às ações de nossas autoridades.

e) Denunciar o fato de a classe médica ter ficado possessa com a atitude dos governantes.

TEXTO: 37 - Comum à questão: 69

O ESCRETE DO SONHO

Nélson Rodrigues

[1] Quem devia escrever a história do [2] tricampeonato era Mário Filho. Só ele teria a [3] visão homérica do maior feito do futebol [4] brasileiro e mundial. Nunca houve, na face da [5] terra, um escrete tão humilhado e tão ofendido. [6] Vocês se lembram do que aconteceu no [7] Morumbi.

[8] Sempre digo que a torcida vaia até minuto [9] de silêncio. Mas em São Paulo foi demais. A [10] torcida queria Edu, e Zagallo escalou Paulo [11] César. A vaia começou antes do jogo, continuou [12] durante e depois do jogo. Até hoje, não sei ,[13] como Paulo César sobreviveu ao próprio [14] massacre. Há um tipo de vaia que explode como [15] uma força da natureza. Sim. Uma vaia que [16] venta, chove, troveja e relampeja.

[17] Os jogadores se entreolhavam, sem entender [18] que os tratassem, no Brasil, como o *inimigo*, [19] como o *estrangeiro*. Mas não era só a multidão. [20] Também a imprensa, fora algumas exceções, [21] dizia horrores do técnico, do time, dos [22] jogadores.

[23] Todavia, ninguém contava com o *homem [24] brasileiro.* Cada um de nós é um pouco como o [25] Zé do Patrocínio. O "Tigre da Abolição" era [26] suscetível às mais cavas e feias depressões. Sua [27] retórica sempre começava fria, gaguejante. [28] Seus amigos, porém, iam para o meio da massa [29] e começavam a berrar: — "*Negro burro, negro [30] analfabeto, negro ordinário!"* E, então, [31] Patrocínio pegava fogo. Dizia coisas assim: — [32] "Sou negro, sim, Deus deu-me sangue de Otelo [33] para ter ciúmes de minha pátria". Para assumir [34] a sua verdadeira dimensão, o escrete precisava [35] ser mordido pelas vaias. Foi toda uma [36] maravilhosa ressurreição.

[37] A Copa do México desmontou a gigantesca [38] impostura que a maioria criava em torno do [39] futebol europeu. Os virtuosos, os estilistas, [40] éramos nós; nós, os goleadores; nós, os [41] inventores. E a famosa velocidade? Meu Deus, [42] ganhamos andando.

[43] Pelé, maravilhosamente negro, poderia [44] erguer o gesto, gritando: — "Deus deu-me [45] sangue de Otelo para ter ciúmes da minha [46] pátria". E assim, brancos ou pretos, somos 90 [47] milhões de otelos incendiados de ciúme pela [48] pátria.

(Brasil 4 x 1 Itália, 21/6/1970, na Cidade do México. Brasil tricampeão mundial.)

RODRIGUES, Nélson. In: *A pátria em chuteiras*: novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1984. p. 158-160. Texto adaptado.

69 - (UECE)

A pátria em chuteiras é o título do livro de crônicas de Nélson Rodrigues, sobre futebol, de onde foi retirada a crônica “O escrete do sonho”. O título do livro é também o título de uma das crônicas que compõem a obra. No início da crônica “A pátria em chuteiras”, Nélson Rodrigues faz a seguinte interrogação: “Pergunto: — para nós, o que é o escrete? — Digamos: é a pátria em calções e chuteiras, a dar rútilas botinadas, em todas as direções. O escrete representa os nossos defeitos e as nossas virtudes. Em suma: — o escrete chuta por 100 milhões de brasileiros. E cada gol do escrete é feito por todos nós”.

Assinale a afirmação correta em relação ao título do livro.

a) Há, entre “chuteira” e “pátria”, uma relação de interdependência.

b) Entre “chuteira” e “pátria”, existe uma relação de parecença ou semelhança.

c) Uma relação de contiguidade permitiu o uso de “chuteira” por jogador e de “pátria” (brasileira) por brasileiros.

d) O emprego de *camisa* por jogador diria mais da relação do brasileiro com o futebol do que o emprego de “chuteira”.

TEXTO: 38 - Comum à questão: 70

Considere a passagem de um artigo de José Francisco Botelho e uma das ilustrações de Carlo Giovani a esse artigo.

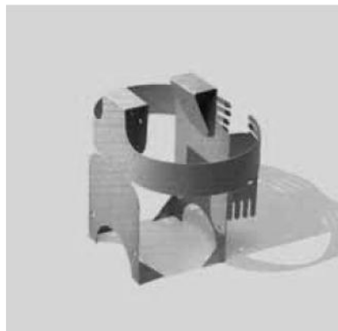
Compaixão

Considerada a maior de todas as virtudes por religiões como o budismo e o hinduísmo, a compaixão é a capacidade humana de compartilhar (ou experimentar de forma parcial) os sentimentos alheios — principalmente o sofrimento. Mas a onipresença da miséria humana faz da compaixão uma virtude potencialmente paralisante. Afogados na enchente das dores alheias, podemos facilmente cair no desespero e na inação. Por isso, a piedade tem uma reputação conturbada na história do

pensamento: se alguns a apontaram como o alicerce da ética e da moral, outros viram nela uma armadilha, um mero acréscimo de tristeza a um Universo já suficientemente amargo. Porém, vale lembrar que as virtudes, para funcionarem, devem se encaixar umas às outras: quando aliado à temperança, o sentimento de comiseração pelas dores do mundo pode ser um dos caminhos que nos afastam da cratera de Averno. Dosando com prudência uma compaixão potencialmente infinita, é possível sentirmos de forma mais intensa a felicidade, a nossa e a dos outros — como alguém que se delicia com um gole de água fresca, lembrando-se do deserto que arde lá fora.*

Isso tudo pode parecer estranho, mas o fato é que a denúncia da compaixão segue um raciocínio bastante rigoroso. O sofrimento — e todos concordam — é algo ruim. A compaixão multiplica o sofrimento do mundo, fazendo com que a dor de uma criatura seja sentida também por outra. E o que é pior: ao passar a infelicidade adiante, ela não corrige, nem remedia, nem alivia a dor original. Como essa infiltração universal da tristeza poderia ser uma virtude? No século 1 a.C., Cícero escreveu: "Por que sentir piedade, se em vez disso podemos simplesmente ajudar os sofredores? Devemos ser justos e caridosos, mas sem sofrer o que os outros sofrem".

* Os romanos consideravam a cratera vulcânica de Averno, situada perto de Nápoles, como entrada para o mundo inferior, o mundo dos mortos, governado por Plutão.



(*Vida Simples*, janeiro de 2014. Adaptado.)

70 - (UNESP SP)

Por meio da expressão *onipresença da miséria humana*, o autor do artigo salienta que

a) há muita diferença entre sofrimento e miséria.

b) existem mais pessoas felizes que infelizes no mundo.

c) a miséria humana paralisa a compaixão.

d) a miséria humana está em todos os lugares.

e) todos somos miseráveis e merecemos compaixão.

TEXTO: 39 - Comum à questão: 71

Leia o fragmento de um romance de Érico Veríssimo (1905-1975).

O defunto dominava a casa com a sua presença enorme. Anoitecia, e os homens que cercavam o morto ali na sala ainda não se haviam habituado ao seu silêncio espesso.

Fazia um calor opressivo. Do quarto contíguo vinham soluços sem choro. Pareciam pedaços arrancados dum grito de dor único e descomunal, davam uma impressão de dilaceramento, de agonia sincopada.

As velas ardiam e o cheiro da cera derretida se casava com o perfume adocicado das flores que cobriam o caixão. A mistura enjoativa inundava o ar como uma emanação mesma do defunto, entrava pelas narinas dos vivos e lhes dava a sensação desconfortante duma comunhão com a morte.

O velho calvo que estava a um canto da sala, voltou a cabeça para o militar a seu lado e cochichou:

— Está fazendo falta aqui é o Tico, capitão.

O oficial ainda não conhecia o Tico. Era novo na cidade. Então o velho explicou. O Tico era um sujeito que sabia animar os velórios, contava histórias, tinha um jeito especial de levar a conversa, deixando todo o mundo à vontade. Sem o Tico era o diabo... Por onde andaria aquela alma?

Entrou um homem magro, alto, de preto. Cumprimentou com um aceno discreto de cabeça, caminhou devagarinho até o cadáver e ergueu o lenço branco que lhe cobria o rosto. Por alguns segundos fitou na cara morta os olhos tristes. Depois deixou cair o lenço, afastou-se enxugando as lágrimas com as costas das mãos e entrou no quarto vizinho.

O velho calvo suspirou.

— Pouca gente...

O militar passou o lenço pela testa suada.

— Muito pouca. E o calor está brabo.

— E ainda é cedo.

O capitão tirou o relógio: faltava um quarto para as oito.

(*Um lugar ao sol*, 1978.)

71 - (UNESP SP)

A força expressiva da locução *silêncio espesso* resulta do fato de o substantivo e o adjetivo

a) traduzirem conceitos religiosos.

b) produzirem uma reestruturação sintática do período.

c) apresentarem sentidos similares.

d) harmonizarem sensações agradáveis e desagradáveis.

e) associarem características sensoriais distintas.

TEXTO: 40 - Comum à questão: 72



O PATO SOCIAL

Amigos que atuam no mercado editorial e na imprensa de Lisboa, externando com bom humor a sua indignação, argumentavam: “Queremos igualdade de condições e direitos. Se não podemos ser ‘exactos’ em nosso idioma, então vocês não podem ter um ‘pacto’, mas, sim, um pato social”.

Avicultura sociopolítica à parte, os lusos, a despeito de seus questionamentos, e os demais governos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, com exceção de Angola, já ratificaram o acordo ortográfico. O mais importante de tudo isso é entender que as mudanças que unificaram a ortografia não alteraram a gramática e a riqueza do português,com sua multiplicidade de expressões homônimas e parônimas e infinitas possibilidades sintáticas para a composição das frases e sentenças.

Ademais, o alto grau de redundância linguística de nosso idioma permite que os textos sejam lidos rapidamente e na diagonal, sem prejuízo de se assimilar a informação mínima, e também facilita o mecanismo da previsibilidade (ou seja, mesmo quando faltam letras numa palavra, o leitor consegue ler de maneira correta). Tudo isso vai a favor do consenso nacional quanto à necessidade de estimular a leitura.

Considerando a adequada e rápida adaptação do Brasil e levando-se em conta que até os portugueses já ratificaram o acordo ortográfico, são incompreensíveis as propostas que às vezes surgem no nosso Legislativo ou na retórica de pretensos estudiosos do tema, de se produzirem novas mudanças.

(Karine Pansa, Folha de SP, adaptado, 19.08.2014)

72 - (ESPM SP)

Assinale o item em que o par de vocábulos não seja exemplo de palavras parônimas, mas sim de homônimas:

a) pacto – pato

b) ratificar – retificar

c) cumprido – comprido

d) são (verbo ser) – são (santo)

e) descrição – discrição

TEXTO: 41 - Comum à questão: 73

A educação de hoje estimula ou reduz a participação dos jovens na política?

Andrea Ramal

No acontecimento mais importante e decisivo do ano, as eleições, apenas 25% dos brasileiros entre 16 e 17 anos irão votar. A grande maioria não tirou o título de eleitor. Desde 2006, a participação dos jovens dessa faixa etária vem diminuindo cada vez mais. De fato, o baixo envolvimento da juventude com a política é um fenômeno constatado em diversos países, como por exemplo o Chile, a Argentina, a Espanha, para citar alguns. As razões são diversas e o assunto exige análises mais complexas do que é possível fazer aqui. Mas quero propor o debate: a participação política dos jovens é estimulada ou, por outro lado, reduzida pela educação que recebem em casa e na escola?

Na educação de casa, crianças e jovens de hoje certamente percebem o desencanto dos pais quanto às reais formas de participação e de expressão que conseguiram se estabelecer nas últimas décadas, mesmo nos regimes democráticos. Compartilham o descrédito dos pais quanto aos partidos políticos, à gestão dos recursos públicos, à solução de problemas estruturais como a corrupção, a educação ou a inclusão social. Uma frase comum entre os jovens é a de que "nenhum candidato me representa". Muitos consideram outras formas de participação, como as manifestações, mais efetivas do que o voto.

Por outro lado, há que se lembrar que o espaço da convivência familiar pode ser um dos mais férteis para a formação política. É nele que se vivem as primeiras experiências de autoritarismo ou de democracia, que se começam a entender as estruturas de poder e de participação. Em casa, as relações podem ser marcadas pelo individualismo ou pela cooperação. As tarefas domésticas podem ser assumidas apenas por alguns, ou distribuídas entre todos. Os limites podem ser estabelecidos de uma forma coerente, libertadora, que ajude a assumir as próprias decisões. Nada disso é neutro. Tudo forma para a vida política.

Conheço famílias que, inclusive, estão aproveitando esta véspera de eleições para educar para a cidadania. Debatem com os filhos sobre as necessidades mais urgentes da população e as comparam com as propostas dos candidatos. Explicam às crianças as responsabilidades de um senador, um deputado, e como as suas ações podem afetar a nossa vida. Pedem que a criança imagine o que faria se fosse presidente. Com adolescentes, analisam os discursos dos candidatos, tentando separar programas de governo estruturados de meras promessas eleitoreiras. Pesquisam juntos o histórico dos políticos, avaliando como se saíram quando assumiram outro cargo público. Práticas desse tipo podem ajudar a despertar a consciência crítica e a perceber as implicações de um voto.

[26] Ao mesmo tempo, a educação escolar é também um fator-chave na formação política. Hoje se fala bastante [27] numa sala de aula na qual não se transmitam só conteúdos acadêmicos, mas se forme para a vida cidadã. Esse foi o [28] tom das mais recentes reformas educacionais, tanto na gestão de Fernando Henrique Cardoso, por exemplo com os [29] Parâmetros Curriculares Nacionais, como na gestão de Lula e de Dilma Rousseff, por exemplo ao defender um estilo [30] de prova do Enem, como exame de ingresso ao ensino superior, mais focado em atualidades e análises de contexto, [31] do que em conteúdos abstratos.

[32] No entanto, poderíamos questionar se o espaço escolar consegue ser, de fato, um ambiente que forma para a [33] democracia, e com seus valores e práticas a aprofunda e a consolida, ou se o estudante se depara com um sistema [34] que ainda promove pouco a participação e forma indivíduos competitivos e utilitaristas. Pois, como diz José Gimeno [35] Sacristán, "a escola contribuirá para a democracia sempre que seus conteúdos e objetivos se ajustarem aos valores da [36] democracia, mas sobretudo quando as práticas pedagógicas estiverem alinhadas com as exigências mínimas de uma [37] democracia".

[38] Ora, se a escola mantém as antigas relações de poder, com hierarquias rígidas, atividades que se repetem [39] mecanicamente, ordens que simplesmente devem ser cumpridas e conhecimentos fragmentados em disciplinas com [40] pouca ligação com o mundo do estudante, a instituição está na verdade, como escreveu Foucault, formando um "objeto [41] de informação", em vez de um "sujeito de comunicação".

[42] Há instituições que, ao contrário, repensaram sua função social e, com isso, seus currículos e práticas. [43] Concebem-se cada vez mais como ambientes de aprendizagem e de comunicação, onde pessoas com diferentes [44] interesses e afinidades se encontram para aprender umas com as outras. Seguem o que disse Paulo Freire: "Não [45] basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem [46] trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho." Nessas escolas, os professores se entendem como [47] mediadores e as mídias são usadas para o intercâmbio de ideias e conhecimentos. A aula é o ponto de partida de uma [48] rede de pessoas, dialógica, participativa, inclusiva, multicultural, aberta ao que é diverso.

[49] São práticas necessárias nessa escola democrática, por exemplo, os grêmios estudantis e a existência dos [50] conselhos de pais. Estruturas desse tipo, entre outras, estimulam a participação no planejamento e na tomada de [51] decisões. Outra atividade positiva são os trabalhos sociais. E nestes meses tenho acompanhado experiências [52] escolares interessantes com foco nas eleições. Por exemplo, há professores que estimularam as turmas a organizar [53] partidos políticos imaginários e fazer debates como os da TV, entre os candidatos com diferentes ideologias, discutindo [54] soluções possíveis para os problemas da escola, da comunidade e do bairro. Não há como não imaginar que, quando [55] adultas, estas crianças terão mais condições de votar de forma mais consciente.

[56] De resto, para além das instituições tradicionais, a própria juventude vem encontrando outros espaços e formas [57] de participação. Um dos mais promissores é o das redes sociais, nas quais os

jovens se posicionam, organizam [58] movimentos, discutem visões de mundo. Nem sempre com respeito, nem sempre com tolerância, vão experimentando [59] os riscos e potencialidades da cibercultura.

[60] Há que torcer para que essa interatividade, da qual participamos com um clique tão confortável que não requer [61] nem sair de casa, não termine por banalizar ainda mais o voto. Ao contrário: que a esfera digital nos desafie a mudar [62] as formas de aprender e ensinar e provoque novas e produtivas discussões, nas casas e nas escolas.

Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/ educacao-de-hoje-estimula-ou-reduz-participacao-dos-jovens-na-politica.html>. Acesso em: 11 ago. 14. (Adaptado.)

73 - (UCS RS)

O fragmento **instituições tradicionais** (Ref. 56), ao retomar as instituições escola e família, denota a ideia de

a) ambiguidade.

b) oposição.

c) adição.

d) generalização.

e) seleção.

TEXTO: 42 - Comum à questão: 74

A Internet e a neutralidade da rede

[44] A Internet vista, unanimemente, como o [45] território livre, a tecnologia libertadora que, em [46] muitos países, permitiu o florescimento da [47] cidadania, a ampliação das oportunidades de [48]

educação, o ambiente para novas empresas e [49] novos empreendedores, para o trabalho [50] colaborativo em rede.

[51] Graças a seu ambiente libertário, [52] internacionalmente ajudou a derrubar [53] ditaduras e monopólios de mídia, o controle da [54] informação, tanto por governos como por [55] cartéis.

[56] No entanto, não se considere um modelo [57] consolidado. Em outros momentos da história [58] surgiram novas tecnologias, promovendo [59] rupturas, abrindo espaço para a [60] democratização e, no momento seguinte, [61] quedaram dominadas por novos cartéis e [62] monopólios que se formaram.

[63] Foi assim com o início da telefonia. [64] Enquanto a Bell Co se consolidava, como [65] grande companhia nacional, surgiram [66] inúmeras experiências locais, como a Mesa [67] Telephone, para localidades rurais norte-[68] americanas, de tecnologia rudimentar porém [69] útil para ligar comunidades agrícolas.

[70] Nasceram centenas de outras companhias [71] por todo o país. Esse mesmo modelo [72] disseminou-se pelo Brasil dos anos 40 em [73] diante, com companhias municipais levando o [74] telefone a cidades menores, em um surto de [75] pioneirismo extraordinário.

[76] Nos Estados Unidos, o movimento dos [77] "independentes" permitiu às comunidades [78] rurais estreitar laços, criar amizades, sistemas [79] de informação, da mesma maneira que as [80] redes sociais de agora. Através do telefone [81] desenvolveram noticiários sobre o clima, sobre [82] a região, relatórios de mercado etc.

[83] Os "independentes" chegaram a ter 3 [84] milhões de aparelhos, contra 2,5 milhões da [85] Bell.

[86] Com a ajuda do J.P.Morgan, o mais [87] influente banco da época, a Bell reestruturou-[88] se em torno da AT&T.

[89] Em vez de declarar guerra aos [90] "independentes", a nova direção propôs um [91] trabalho conjunto, facilitando para eles as [92] ligações de longa distância, desde que [93] trocassem seus sistemas rústicos pelos padrões [94] Bell. Quem não aderisse, não teria ligações de [95] longa distância.

[96] Como resultado, a AT&T matou a [97] concorrência dos "independentes" e construiu [98] o mais longevo e poderoso monopólio da [99] história, só desmembrado na década de 1980.

[100] O mesmo processo de concentração se [101] repetiu no rádio.

[102] No início, o rádio tornou-se uma ferramenta [103] tão democrática e disseminada quanto a [104] Internet. Não havia controle e qualquer [105] pessoa, adquirindo um kit de rádio, montava [106] sua estação sem fio.

[107] Em 1921 havia 525 estatais transmissoras [108] nos Estados Unidos. Até o final de 1924, mais [109] de 2 milhões de aparelhos de rádio. Segundo [110] Tim Wu, autor do importante "Impérios da [111] Comunicação", antes da Internet os rádios [112] foram a maior mídia aberta do século.

[113] Repetiu-se o mesmo processo do telefone. [114] À medida que aumentava o público e criava [115] escala, o mercado libertário era enquadrado [116] pelo poder público e a ocupação do espaço [117] entregue a grupos particulares.

[118] Hoje em dia, as concessões de rádio se [119] tornaram ativos de empresas privadas, as [120] rádios comunitárias são criminalizadas e o [121] exercício pessoal se restringe aos rádios [122] amadores.

[123] Esse é o desafio atual da Internet. Se não [124] for garantida a neutralidade da rede - isto é, o [125] direito de qualquer site ou pessoa de ter [126] acesso à rede, sem privilégios - em breve o [127] grande sonho libertário da Internet terá o [128] mesmo destino do telefone e do rádio.

Luís Nassif. Coluna Econômica.07/09/2013.

74 - (UECE)

Um dos enunciados dispostos a seguir é redundante. O articulista usa excesso de palavra, insistindo em uma ideia. Reconheça e assinale esse enunciado.

a) “No entanto, não se considere um modelo consolidado.” (Refs. 56-57)

b) “Repetiu-se o mesmo processo do telefone.” (Ref. 113)

c) “Foi assim com o início da telefonia.” (Ref. 63)

d) “Nasceram centenas de outras companhias por todo o país.” (Refs. 70-71)

TEXTO: 43 - Comum à questão: 75

CANÇÃO DO VER

Fomos rever o poste.

O mesmo poste de quando a gente brincava de pique

e de esconder.

Agora ele estava tão verdinho!
O corpo recoberto de limo e borboletas.
Eu quis filmar o abandono do poste.
O seu estar parado.
O seu não ter voz.
O seu não ter sequer mãos para se pronunciar com
as mãos.
Penso que a natureza o adotara em árvore.
Porque eu bem cheguei de ouvir arrulos[1] de passarinhos
que um dia teriam cantado entre as suas folhas.
Tentei transcrever para flauta a ternura dos arrulos.
Mas o mato era mudo.
Agora o poste se inclina para o chão – como alguém
que procurasse o chão para repouso.
Tivemos saudades de nós.
Manoel de Barros

Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.

[1] arrulos – canto ou gemido de rolas e pombas

75 - (UERJ)

Agora ele estava tão verdinho! (v. 4)

De modo diferente do que ocorre em ***passarinhos***, o emprego do diminutivo, no verso acima, contribui para expressar um sentido de:

a) oposição

b) gradação

c) proporção

d) intensidade

TEXTO: 44 - Comum à questão: 76

É MENINA

[1] É menina, que coisa mais fofa, parece com o pai, parece com a mãe, parece um joelho, upa, [2] upa, não chora, isso é choro de fome, isso é choro de sono, isso é choro de chata, choro de [3] menina, igualzinha à mãe, achou, sumiu, achou, não faz pirraça, coitada, tem que deixar chorar, [4] vocês fazem tudo o que ela quer, isso vai crescer mimada, eu queria essa vida pra mim, dormir [5] e mamar, aproveita enquanto ela ainda não engatinha, isso daí quando começa a andar é um [6] inferno, daqui a pouco começa a falar, daí não para mais, ela precisa é de um irmão, foi só falar, [7] olha só quem vai ganhar um irmãozinho, tomara que seja menino pra formar um casal, ela tá até [8] mais quieta depois que ele nasceu, parece que ela cuida dele, esses dois vão ser inseparáveis, [9] ela deve morrer de ciúmes, ele já nasceu falante, menino é outra coisa, desde que ele nasceu [10] parece que ela cresceu, já tá uma menina, quando é que vai pra creche, ela não larga dessa [11] boneca por nada, já podia ser mãe, já sabe escrever o nomezinho, quantos dedos têm aqui, [12] qual é a sua princesa da Disney preferida, quem você prefere, o papai ou a mamãe, quem é [13] o seu namoradinho, quem é o seu príncipe da Disney preferido, já se maquia nessa idade, é [14] apaixonada pelo pai, cadê o Ken, daqui a pouco vira mocinha, eu te peguei no colo, só falta ficar [15] mais alta que eu, finalmente largou a boneca, já tava na hora, agora deve tá pensando besteira, [16] soube que virou mocinha, ganhou corpo, tenho uma dieta boa pra você, a dieta do ovo, a dieta [17] do tipo sanguíneo, a dieta da água gelada, essa barriga só resolve com cinta, que corpão, essa [18] menina é um perigo, vai ter que voltar antes de meia-noite, o seu irmão é diferente, menino é [19] outra coisa, vai pela sombra, não sorri pro porteiro, não sorri pro pedreiro, quem é esse menino, [20] se o seu pai descobrir, ele te mata, esse menino é filho de quem, cuidado que homem não [21] presta, não pode dar confiança, não vai pra casa dele, homem gosta é de mulher difícil, tem que [22] se dar valor, homem é tudo igual, segura esse homem, não fuxica, não mexe nas coisas dele, [23] tem coisa que é melhor a gente não saber, não pergunta demais que ele te abandona, o que[24] os olhos não veem o coração não sente, quando

é que vão casar, ele tá te enrolando, morar [25] junto é casar, quando é que vão ter filho, ele tá te enrolando, barriga pontuda deve ser menina, [26] é menina.

Gregorio Duvivier

Folha de São Paulo, 16/09/2013.

76 - (UERJ)

isso vai crescer mimada, (Ref. 4)

isso daí quando começa a andar é um inferno, (Refs. 5-6)

Os trechos acima são exemplos de pontos de vista negativos acerca da menina.

Esses pontos de vista são reforçados pelo uso do pronome ***isso***, porque ele associa a criança a uma ideia de:

a) negação

b) coisificação

c) deseducação

d) individualização

TEXTO: 45 - Comum à questão: 77

A data oficial da chegada do inverno no hemisfério sul é 21 de junho, entretanto, a estação mais fria do ano apareceu no Rio Grande do Sul ainda em maio, dando motivo para os textos reproduzidos a seguir.

TEXTO 1:

INVERNO CHEGA ADIANTADO

Jaqueline Sordi – Zero Hora, 26/05/2014

[1] Vai ter Copa e vai ter frio – ou ao menos é o que está previsto para o tempo nesta semana que se inicia com a [2] contagem regressiva de 17 dias para o Mundial. A massa de ar polar que entrou em solo gaúcho durante o final de semana [3] derrubando a temperatura deve permanecer sobre o Rio Grande do Sul pelo menos até sexta-feira, quando uma nova frente [4] fria entrará, provocando chuva.

[5] A semana começa com temperaturas baixas e predomínio de sol entre nuvens no sul do estado. Já no Centro e no [6] Norte, áreas de instabilidade associadas a um sistema de baixa pressão formado sobre o Paraguai provocarão chuvas [7] isoladas até a madrugada de terça-feira. Há inclusive riscos para temporais em municípios da região das Missões.

[8] A segunda-feira será de tempo nublado com pancadas de chuva ao longo do dia na Capital, que deve registrar [9] mínima de 11 ºC e máxima de 18 ºC. Somente na terça-feira a instabilidade se afasta, e o tempo volta a ficar firme em [10] praticamente todo o estado. A temperatura, entretanto, seguirá amena. Em São José dos Ausentes, nos Campos de Cima da [11] Serra, que registrou 4,3 ºC na madrugada de domingo, a máxima não passará dos 16 ºC durante a semana. Já em Ijuí, no [12] noroeste do estado, os termômetros variarão dos 5 ºC aos 19 ºC até sexta-feira.

[13] noroeste do estado, os termômetros variarão dos 5 ºC aos 19 ºC até sexta-feira. [14] Oeste, houve temperaturas abaixo dos 2 ºC. As cidades mais frias foram Lagoa Vermelha e Bagé, onde as mínimas chegaram [15] a 1,1 ºC, e Quaraí, que registrou 1,3 ºC. A sensação térmica ficou ainda menor, alcançando -4 ºC em Quaraí e -3,7 ºC em [16] Dom Pedrito. Na Capital, o domingo amanheceu com névoa úmida e mínima de 7 ºC . Durante a tarde, mesmo com sol e [17] poucas nuvens, as máximas não passaram dos 15 ºC. Em Pelotas, a mínima foi de 5,9 ºC e, em Caxias do Sul, 4,2 ºC.

TEXTO 2:

IOTTI iotti@zerohora.com.br



77 - (UFPel RS)

Na oração **[...] quando uma nova frente fria entrará provocando chuva (Refs.3 e 4),** uma nova frente fria instaura o pressuposto de que

a) o frio chegou fora de época.

b) as chuvas são reguladas pelas temperaturas baixas.

c) o inverno será muito rigoroso este ano no Rio Grande do Sul.

d) a queda da temperatura já havia ocorrido anteriormente.

e) o frio provoca chuva.

f) I.R.

TEXTO: 46 - Comum à questão: 78

Considere a passagem de um romance de Autran Dourado (1926- 2012).

A gente Honório Cota

Quando o coronel João Capistrano Honório Cota mandou erguer o sobrado, tinha pouco mais de trinta anos. Mas já era homem sério de velho, reservado, cumpridor. Cuidava muito dos trajes, da sua aparência medida. O jaquetão de casimira inglesa, o colete de linho atravessado pela grossa corrente de ouro do relógio; a calça é que era como a de todos na cidade — de brim, a não ser em certas ocasiões (batizado, morte, casamento — então era parelho mesmo, por igual), mas sempre muito bem passada, o vinco perfeito. Dava gosto ver:

O passo vagaroso de quem não tem pressa — o mundo podia esperar por ele, o peito magro estufado, os gestos lentos, a voz pausada e grave, descia a rua da Igreja cumprimentando cerimoniosamente, nobremente, os que por ele passavam ou os que chegavam na janela muitas vezes só para vê-lo passar.

Desde longe a gente adivinhava ele vindo: alto, magro, descarnado, como uma ave pernalta de grande porte. Sendo assim tão descomunal, podia ser desajeitado: não era, dava sempre a impressão de uma grande e ponderada figura. Não jogava as pernas para os lados nem as trazia abertas, esticava-as feito medisse os passos, quebrando os joelhos em reto.

Quando montado, indo para a sua Fazenda da Pedra Menina, no cavalo branco ajaezado de couro trabalhado e prata, aí então sim era a grande, imponente figura, que enchia as vistas. Parecia um daqueles cavaleiros antigos, fugidos do Amadis de Gaula ou do Palmeirim, quando iam para a guerra armados cavaleiros.

(*Ópera dos mortos*, 1970.)

78 - (UNESP SP)

No terceiro parágrafo, a comparação do coronel com uma ave pernalta representa

a) um recurso expressivo para ilustrar sua aparência e sua presença física.

b) uma figura de retórica sem grande significado descritivo.

c) uma imagem visual de seu temperamento amável, mas perigoso.

d) uma imagem que busca representar sua impressionante beleza.

e) um modo de chamar atenção para o ambiente rústico em que vivia.

TEXTO: 47 - Comum à questão: 79

Certos textos só podem ser adequadamente compreendidos quando se recorre a regras pragmáticas do discurso, aquelas estabelecidas pelo contexto. Veja-se o caso do seguinte enunciado inscrito num cartaz fixado em um centro comercial:

“Esta área é um espaço reservado a não fumantes. Mas há um bar no final do corredor”.

Para compreender essa sequência de duas orações interligadas pelo conectivo “mas”, é necessário que o interlocutor interprete a relação aí estabelecida. Para isso, deve procurar uma interpretação verossímil, apoiando-se ao mesmo tempo no contexto e no valor de “mas” na língua.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**.
5. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 28. (Adaptado).

79 - (Unievangélica GO)

Considerando-se o contexto em que ocorre, a oração “Mas há um bar no final do corredor” assume o seguinte valor semântico:

a) é impossível fumar no lugar em que você está neste momento.

b) é impossível fumar no bar que se encontra no final do corredor.

c) no final do corredor há um lugar onde é permitido fumar.

d) no final do corredor há um lugar onde é permitido beber.

TEXTO: 48 - Comum à questão: 80

Canção

Pus o meu sonho num navio
E o navio em cima do mar;
– depois, abri o mar com as mãos,
Para o meu sonho naufragar.

Minhas mãos ainda estão molhadas
Do azul das ondas entreabertas,
E a cor que escorre de meus dedos
Colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,
A noite se curva de frio;
Debaixo da água vai morrendo
Meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,
Para fazer com que o mar cresça,
E o meu navio chegue ao fundo
E o meu sonho desapareça.

MEIRELES, Cecília. **Obra poética**.
Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1958. p. 18.

80 - (Unievangélica GO)

Na última estrofe do poema verifica-se, entre o pranto do sujeito lírico e a imagem do mar que se forma, uma relação de

a) tempo e concessão.

b) comparação e alternância.

c) causa e efeito.

d) dúvida e finalidade.

TEXTO: 49 - Comum à questão: 81

ESTOJO ESCOLAR

[1] Noite dessas, ciscando num desses canais a cabo, vi uns caras oferecendo maravilhas eletrônicas. [2] Bastava telefonar e eu receberia um notebook capaz de me ajudar a fabricar um navio, uma usina nuclear, [3] uma estação espacial.

[4] Minhas necessidades são mais modestas: tenho um PC mastodôntico, contemporâneo das cavernas [5] da informática. E um notebook da mesma época que começa a me deixar na mão. Como pretendo viajar [6] esses dias, habilitei-me a comprar aquilo que os caras anunciavam como o top do top em matéria de [7] computador portátil.

[8] No sábado, recebi um embrulho complicado que necessitava de um manual de instruções para ser [9] aberto. Depois de mil operações sofisticadas para minhas limitações, retirei das entranhas de isopor o novo [10] notebook e coloquei-o em cima da mesa. De repente, como vem acontecendo nos últimos tempos, houve um [11] corte na memória. Tinha cinco anos e ia para o Jardim de Infância. E vi diante de mim o meu primeiro [12] estojo escolar.

[13] Era uma caixinha comprida, envernizada, com uma tampa que corria nas bordas do corpo principal. [14] Dentro, arrumados em divisões, havia lápis coloridos, um apontador, uma lapiseira cromada, uma régua de [15] 20 cm e uma borracha para apagar meus erros.

[16] Da caixinha vinha um cheiro gostoso, cheiro que nunca esqueci e que me tonteava de prazer. Fechei [17] o estojo para proteger aquele cheiro, que ele ficasse ali para sempre, prometi-me economizá-lo. Com [18] avareza, só o cheirava em momentos especiais.

[19] Na tampa que protegia estojo e cheiro, havia estampado um ramo de rosas vermelhas que se [20] destacavam do fundo creme. Amei aquele ramalhete – olhava aquelas rosas e achava que nada no mundo [21] podia ser mais bonito.

[22] O notebook que agora abro é negro, não tem nenhuma rosa na tampa. E, em matéria de cheiro, é [23] abominável. Cheira a telefone celular, a cabine de avião, ao aparelho de ultrassonografia onde outro dia uma [24] moça veio ver como sou por dentro.

[25] Piorei de estojo e de vida.

(Carlos Heitor Cony. O harém das bananeiras, p. 244-245. Adaptado.)

81 - (UNIMONTES MG)

Leia e analise este trecho: "[...] vi uns caras oferecendo maravilhas eletrônicas." (linha 1). Acerca de seu sentido e estrutura, nesse contexto, assinale a alternativa CORRETA.

a) A palavra "caras" não caracteriza uma relação de polissemia porque a presença do artigo "uns" a faz perder seu caráter polissêmico.

b) O campo semântico de "maravilhas eletrônicas" inclui, na sequência textual, "notebook", "PC mastodôntico", "computador portátil" e "estojo", aparatos tecnológicos que o sentido geral desse texto nos autoriza a englobar nesse mesmo conjunto semântico.

c) O verbo "oferecer" poderia ser substituído, no trecho, por "estar em oferta, promoção, liquidação", sendo esse sentido sugestionado pela palavra que o segue: "maravilhas".

d) O uso da expressão "uns caras" serve para apontar ao leitor do texto que essas pessoas teriam uma índole duvidosa, levando-nos à desconfiança.

TEXTO: 50 - Comum à questão: 82

O corpo fala – demais!

Com Reich (1897-1957), psicólogo e psicanalista austríaco, ampliamos a noção de que o corpo fala tanto quanto a palavra. Na verdade, sem determinado contexto, sem determinada 'cara' e 'gesto', sem determinado tom de voz, situação e personagens, *o que dizemos não terá todo o sentido – o sentido que pretendemos.* A análise da comunicação, levando-se em conta exclusivamente as palavras, é tão inócua como estudar aerodinâmica na lua.

O que dá sustentação, força e inteiro sentido aos pronunciamentos verbais é precisamente a expressão fisionômica, o tom de voz, o gesto, a posição do corpo. Tudo isso integrado numa cena, isto é, numa situação. No entanto, de tal forma a palavra englobou a comunicação humana que, para a maior parte das pessoas, ela é *toda* a comunicação.

Tanto a observação atenta das pessoas como o seu eventual registro cinematográfico vão nos mostrando que qualquer diálogo envolve três conjuntos expressivos simultâneos – quando menos. Primeiro, o que dissemos ou pensamos. Depois, o nosso tom de voz e/ou a música do que dizemos, que é inteiramente outra coisa, a revelar o tempo inteiro nossas disposições emocionais. Quando tristes, com raiva, interessados ou ressentidos, nossa voz revela, o tempo todo, os sentimentos que acreditávamos secretos. Terceiro, além da letra e da música da palavra, temos a *encenação* ou a *dança gestual* – caras, poses e gestos que acompanham o que dizemos.

Qualquer pronunciamento envolve *todos* esses elementos, e a alteração de *qualquer um deles* altera o sentido do que pretendemos comunicar. Sabemos todos que é assim, mas, arrastados pelo sentido das palavras, quase nunca lembramos que é assim.

A imensa maioria das pessoas acredita, ao falar, que o importante é apenas o rosário das palavras, que este rosário diz exatamente o que elas pretendem e, implicitamente, que a entonação e o conjunto dos gestos estarão completamente integrados às palavras ditas. Mas, se fosse assim, a pessoa não estranharia nada, nem a própria figura vista num vídeo, nem a própria voz e suas inflexões ouvidas em um gravador. Muito menos estranharia as reações dos outros "ao que ela disse!".

Nossa estranheza ante nossa imagem e nossa voz revela exatamente como, frequentemente, aquilo que pode alterar o sentido do que dizemos são nossas reações corporais.

É tal a inconsciência de nossa melodia vocal e do que ela insinua, dos nossos gestos e do que eles sugerem que, ao percebermos que o outro não nos entendeu, atribuímos a ele, invariavelmente, a culpa. Ele é que não presta atenção, que não se interessa, que está azedo ou com raiva, com inveja e quanto mais.

Perceber o próprio corpo significa, em todas as situações, reconhecer todas as nossas intenções tanto as que são expressas nas palavras como as que vão incluídas no tom da voz, nos gestos, nos olhares, na expressão fisionômica em geral, no jeito do corpo...

(José Ângelo Gaiarsa. *O que é o corpo*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 14-25. Adaptado).

82 - (FPS PE)

No texto, o autor se valeu de alguns argumentos com valor semântico comparativo, como nas alternativas:

1) A análise da comunicação, levando-se em conta exclusivamente as palavras, é tão inócua como estudar aerodinâmica na lua.

2) Nossa estranheza ante nossa imagem e nossa voz revela como, frequentemente, aquilo que pode alterar o sentido do que dizemos são nossas reações corporais.

3) Qualquer pronunciamento envolve todos esses elementos, e a alteração de qualquer um deles altera o sentido do que pretendemos comunicar.

4) Tanto a observação atenta das pessoas como o seu eventual registro cinematográfico vão nos mostrando que qualquer diálogo envolve três conjuntos expressivos simultâneos.

5) Além da letra e da música da palavra, temos a encenação ou a dança gestual – caras, poses e gestos que acompanham o que dizemos.

Há argumento com valor comparativo nas alternativas:

a) 1, 2 e 3 apenas

b) 1, 3 e 4 apenas

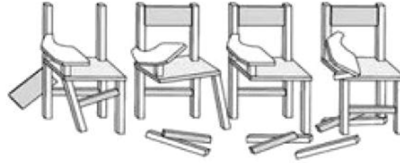
c) 1 e 4 apenas

d) 2 e 5 apenas

e) 1, 2, 3, 4 e 5

TEXTO: 51 - Comum à questão: 83

ESCOLA PÚBLICA NÃO É PRIVADA



ESCOLA PÚBLICA NÃO TEM OS MESMOS RECURSOS QUE UMA ESCOLA PRIVADA PARA SE MANTER. POR ISSO, SE VOCÊ TRABALHA OU ESTUDA EM UMA ESCOLA PÚBLICA CUIDE DELA COMO SE FOSSE SUA. ATÉ PORQUE ELA É SUA. SUA E DE MILHARES DE PESSOAS QUE, GRAÇAS A ELA, TÊM A CHANCE DE ESTUDAR, APRENDER, TRABALHAR, DISPUTAR UM LUGAR MELHOR NA SOCIEDADE.

NÃO RABISQUE,
NÃO DEPREDE,
NÃO PICHE,
NÃO ESTRAGUE,
NÃO DESTRUA.

Disponível em:
<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://3.bp.blogspot.com/>
Acesso em 13 set. 2013

83 - (UNITAU SP)

A respeito da frase "Escola pública não é privada", pode-se afirmar que

a) é redundante, porque permite múltiplas leituras e interpretações.

b) é ambígua, porque só pode significar que escola pública não é escola particular.

c) é ambígua, porque pode significar que escola pública não é escola particular e também pode significar que escola pública não é latrina.

d) é polissêmica, porque não permite múltiplas leituras e interpretações.

e) trata-se de uma tautologia, porque não permite mais do que uma leitura.

TEXTO: 52 - Comum à questão: 84

O FUTURO ERA LINDO

[1] A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, [2] o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, [3] estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único [4] poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação [5] se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do [6] planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. [7] Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. [8] O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.

[9] Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por [10] anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem [11] já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo [12] ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a [13] obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de [14] combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo [15] não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

[16] Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em [17] megahipercorporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre [18] tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu que os mesmos Estados [19] Unidos, graças às maravilhas da internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como [20] os maiores espiões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, [21] impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao [22] arrepio da justiça os bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos [23] em matéria de ética, política e em boas maneiras.

[24] Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de [25] vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos [26] falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o [27] fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker Adaptado de
Folha de São Paulo, 29/07/2014.

84 - (UERJ)

Ninguém imaginou (Ref. 16)

Ninguém previu (Refs. 18-24)

A repetição do vocábulo *ninguém*, nos dois últimos parágrafos do texto, reforça o seguinte sentido:

a) flexibilidade do ponto de vista

b) contestação da verdade factual

c) dimensão do otimismo ingênuo

d) necessidade de crítica ao passado

TEXTO: 53 - Comum à questão: 85

O EGOÍSMO GREGÁRIO COMO PRINCÍPIO DO REBANHO PÓS-MODERNO

[1] Estamos numa época de promoção do egoísmo, de produção de egos tanto mais cegos ou cegados [2] que não percebem o quanto podem hoje ser recrutados em conjuntos massificados. Em outras palavras, [3] vemos egos, isto é, pessoas que se creem iguais e que, na realidade, passaram a ficar sob o controle do [4] que se deve bem chamar "o rebanho". Viver em rebanho fingindo ser livre nada mais mostra que uma [5] relação consigo catastroficamente alienada, uma vez que supõe ter erigido como regra de vida uma relação [6] mentirosa consigo mesmo. E, a partir daí, com os outros. Assim, mentimos despudoradamente aos outros, [7] àqueles que vivem fora das democracias liberais, quando lhes dizemos que acabamos – com algumas [8] maquininhas à guisa de presentes ou de armas nas mãos em caso de recusa – de lhes trazer a liberdade [9] individual; na realidade, visamos, antes de tudo, fazer com que entrem no grande rebanho dos [10] consumidores.

[11] Mas qual é, perguntarão, a necessidade dessa mentira? Por que precisamos fazer crer que somos [12] livres quando vivemos em rebanho? E por que precisamos fazer outros crerem que são livres quando [13] vamos colocá-los em rebanho? A resposta é simples. É preciso que cada um vá *livremente* na direção das [14] mercadorias que o bom sistema de produção capitalista fabrica para

ele. Digo bem "livremente" pois, [15] forçado, resistiria. Ao passo que livre, pode consentir em querer o que lhe dizem que deve querer enquanto [16] cidadão livre. A obrigação permanente de consumir deve, portanto, ser redobrada por um discurso [17] incessante de liberdade, de uma falsa liberdade, é claro, entendida como permissão para fazer "tudo o que [18] se quer". Esse duplo discurso é exatamente o das democracias liberais, descambem para a direita ou para [19] a esquerda. É pelo egoísmo que se deve agarrar os indivíduos para arrebanhá-los, pois é o meio mais [20] econômico e racional de ampliar sempre mais as bases do consumo de um conjunto de pessoas [21] permanentemente levadas para necessidades reais ou, quase sempre, supostas.

DUFOUR, Dany-Robert. *O divino mercado*: a revolução cultural liberal. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008. p. 23-24. (Adaptado).

85 - (UEG GO)

No texto, as palavras "rebanho" e "livremente" são colocadas entre aspas com o objetivo de

a) marcar sua inadequação semântica.

b) destacar seus significados equivalentes.

c) enfatizar seu uso metafórico e aproximado.

d) restringir sua interpretação ao sentido literal.

TEXTO: 54 - Comum à questão: 86

O Facebook *mudou o mundo para sempre*

Em uma segunda-feira, um em cada sete indivíduos no mundo usou o *Facebook* – 1 bilhão de pessoas, de acordo com seu fundador, Mark Zuckerberg. Em uma década, a rede social transformou os relacionamentos, sua privacidade, seus negócios, a mídia jornalística, ajudou a derrubar regimes e até mudou o significado de palavras de uso comum.

Apesar de o significado das palavras "compartilhar" e "curtir" ser essencialmente o mesmo, o *Facebook* deu um peso totalmente novo a esses termos.

As reuniões de antigos colegas de colégio ou universidade tornaram-se redundantes – você já sabe quem vai bem na profissão, se o casal perfeito se separou e já viu fotos intermináveis dos bebês de seus ex-colegas. Diferentemente da vida real, porém, o *Facebook* não tem hierarquia de amizades. O colega de um projeto na universidade que você não vê há 15 anos, o amigo de uma amiga de um amigo ou um colega com quem você nunca realmente falou em pessoa – todos são amigos no *Facebook* da mesma maneira que o seu amigo mais íntimo, sua esposa ou sua mãe.

Isso não significa necessariamente que os vemos da mesma maneira. O professor Robin Dunbar é famoso por sua pesquisa que sugere que um indivíduo só pode ter aproximadamente 150 pessoas como grupo social. O *Facebook* não mudou isso ainda, na opinião dele, mas em uma entrevista à revista *New Yorker,* Dunbar disse temer que a facilidade de terminar amizades no *Facebook* fizesse com que no futuro não houvesse mais necessidade de aprender a conviver com as pessoas.

"Na caixa de areia da vida, quando alguém chuta areia na sua cara, você não pode sair da caixa. Você tem de lidar com isso, aprender, fazer compromisso", diz ele. "Na internet, você pode puxar o fio da tomada e ir embora. Não há um mecanismo que nos obrigue a aprender."

O *Facebook* costumava ser um *site* para conectar os estudantes da faculdade, ao qual apenas algumas universidadesamericanas de elite tinham acesso. Em 2014, uma década depois do lançamento, 56% dos usuários da internet de 65 anos ou mais têm uma conta no *Facebook*. E 39% estão conectados a pessoas que nunca conheceram pessoalmente. Grupos deram lugar a páginas, escrever nas páginas dos outros é passado e álbuns cuidadosamente elaborados deram lugar a publicações instantâneas via celular.

É melhor nos habituarmos a isso, disse David Kirkpatrick, autor de *The Facebook Effect* (*O Efeito Facebook*). "O *Facebook* provou sua capacidade de se transformar e continuará sendo um grande ator, muito grande."

(Jessica Elgot. *The guardian. CartaCapital*, 13/09/2015. Disponível em: www. cartacapital.com.br/revista/866/face-a-face-9143.html. Acesso em: 28.09.2015. Adaptado)

86 - (Fundação Instituto de Educação de Barueri SP)

Verifica-se uma construção com valor hipotético na seguinte passagem do texto:

a) *Em uma segunda-feira, um em cada sete indivíduos no mundo usou o* Facebook – *um bilhão de pessoas, de acordo com seu fundador, Mark Zuckerberg.*

b) *Em uma década, a rede social transformou os relacionamentos, sua privacidade, seus negócios, a mídia jornalística, ajudou a derrubar regimes e até mudou o significado de palavras de uso comum.*

c) *Apesar de o significado das palavras "compartilhar" e "curtir" ser essencialmente o mesmo, o* Facebook *deu um peso totalmente novo a esses termos.*

d) *... Dunbar disse temer que a facilidade de terminar amizades no* Facebook *fizesse com que no futuro não houvesse mais necessidade de aprender a conviver com as pessoas.*

e) *Grupos deram lugar a páginas, escrever nas páginas dos outros é passado e álbuns cuidadosamente elaborados deram lugar a publicações instantâneas via celular.*

TEXTO: 55 - Comum à questão: 87

Aos 60 anos, Rossmarc foi confinado na cadeia Raimundo Pessoa em Manaus, dividindo uma cela com 80 detentos. Dormia no chão junto de uma fossa sanitária. Para manter-se vivo usava toda a sua inteligência para fazer acordos com os detentos. Lá havia de tudo: drogados, jagunços, pseudomissionários, contrabandistas etc. Fora vítima do advogado. Com toda a lábia, nunca fora a Brasília defender Rossmarc. Por não ter apresentado a defesa, foi condenado a 13 anos de prisão. O advogado sumira, Rossmarc perdera o prazo para recorrer. Como era estrangeiro, os juízes temiam que fugisse do Brasil. O juiz ordenou sua prisão imediata. A cela, com oitenta detentos, fervilhava, era mais do que o inferno. Depressivo, mantinha- se tartamudo num canto, remoendo sua história, recordando-se dos bons tempos em que navegava pelos rios da Amazônia com seus amigos primatas.

Visitas? Só a de Pássaro Azul. Mudara-se também para Manaus e, sem nada dizer a Rossmarc, para obter dinheiro, prostituía-se num cabaré. Estava mais magra e algumas rugas se mostravam em seu rosto antes reluzente, agora de cor negra desgastada. Com o intuito de obter dinheiro, tanto para Rossmarc pagar as contas de dois viciados em crack no presídio, como para as custas de um advogado inexperient , pouco se alimentava e ao redor dos olhos manchas entumecidas apareciam, deixando-a como alguém que consumia droga em exagero. As noitadas no cabaré enfumaçado e fedorento deixavam- na enfraquecida. Mas não deixara de amar o biólogo holandês. Quando fugira do quilombola, naquela noite, jurara amor eterno e não estava disposta a quebrar o juramento.

Enquanto Pássaro Azul se prostituía para obter os escassos recursos, Rossmarc, espremido entre os oitenta detentos, procurava desesperadamente uma luz no fim do túnel. Lembrava-se dos amigos influentes, de jornalistas, de políticos, e cada vez que Pássaro Azul o visitava, ele implorava que procurasse essas pessoas. Pássaro Azul corria atrás, mas sequer era recebida. Quem daria ouvidos a uma negra que se dizia íntima de Rossmarc, o biólogo que cometera crimes de biopirataria? Na visita seguinte, Rossmarc indagava:

— E dai, procurou aquela pessoa?

Para não magoar o amado, ela respondia que todos estavam muito interessados em sua causa. Dizia, entretanto, sem entusiasmo, com os olhos acuados e baixos, para não ver o rosto magro e chupado de Rossmarc. Entregava-lhe o pouco dinheiro que economizava, fruto da prostituição, e saia de lá com os olhos rasos d'água, tolhendo os soluços.

Numa noite no cabaré, Pássaro Azul conheceu um homem gordo e vesgo, que usava correntões de ouro. Dizia-se dono de um garimpo no meio da selva. Bebia e fumava muito, ria alto, com gargalhadas por vezes irritantes. Entre todas as raparigas, escolheu Pássaro Azul, que lhe fez todas as vontades, pervertendo- se de forma baixa e vil. Foram três noitadas intermináveis, mas Pássaro Azul aprendera a administrar a bebida. Não era tola, como as demais, que se embebedavam a ponto de caírem e serem arrastadas. Era carinhosa com o fazendeiro e saciava-lhe todos os caprichos. Não o abandonava, sentava em seu colo gordo e fazia-lhe agrados fingidos. Dava-lhe mais bebida e um composto de viagra, e o rosto gordo se avermelhava como de um leão enraivecido. Então, ela o puxava para o quarto sórdido. Na cama, enfrentava como guerreira o monte de carne e ossos, trepando sobre suas grandes papadas balofas e cavalgando, como uma guerreira. O homem resfolegava, gritava, gemia, uivava, mas Pássaro Azul não parava aquela louca cavalgada.

[...]

(GONÇALVES, David. **Sangue verde**.
Joinville: Sucesso Pocket, 2014. p. 217-218.)

87 - (PUC GO)

Nos processos de construção textual, muitas vezes, é possível inferir ações, eventos, significados, mesmo que não explicitados no texto. Pensando nisso, assinale a alternativa que indica corretamente o aspecto linguístico responsável pela inferência de que, no último parágrafo do texto, Pássaro Azul tem uma relação sexual com um homem:

a) o recurso da comparação tanto para o par masculino quanto para o par feminino, significando que ambos eram furiosos amantes.

b) o emprego predominante do pretérito imperfeito na descrição dos ruídos provocados pelo casal como forma de expressar que a ação era interminável.

c) o conjunto de elementos lexicais presentes no trecho e que são próprios do campo semântico da atividade sexual.

d) o uso de verbos de ação e de cognição que revelam o pensamento libidinoso do homem que usava correntões de ouro.

GABARITO:

1) Gab: C

2) Gab: A

3) Gab: B

4) Gab: B

5) Gab: B

6) Gab: E

7) Gab: D

8) Gab: E

9) Gab: E

10) Gab: C

11) Gab: A

12) Gab: B

13) Gab: C

14) Gab: D

15) Gab: D

16) Gab: C

17) Gab: A

18) Gab: C

19) Gab: A

20) Gab: C

21) Gab: E

22) Gab: A

23) Gab: A

24) Gab: E

25) Gab: C

26) Gab: D

27) Gab: E

28) Gab: C

29) Gab: C

30) Gab: B

31) Gab: B

32) Gab: B

33) Gab: A

34) Gab: A

35) Gab: E

36) Gab: A

37) Gab: B

38) Gab: B

39) Gab: A

40) Gab: C

41) Gab: D

42) Gab: E

43) Gab: C

44) Gab: E

45) Gab: E

46) Gab: B

47) Gab: B

48) Gab: D

49) Gab: B

50) Gab: D

51) Gab: B

52) Gab: B

53) Gab: B

54) Gab: D

55) Gab: A

56) Gab: A

57) Gab: C

58) Gab: B

59) Gab: B

60) Gab: E

61) Gab: D

62) Gab: A

63) Gab: A

64) Gab: B

65) Gab: C

66) Gab: B

67) Gab: B

68) Gab: B

69) Gab: C

70) Gab: D

71) Gab: E

72) Gab: D

73) Gab: D

74) Gab: B

75) Gab: D

76) Gab: B

77) Gab: D

78) Gab: A

79) Gab: C

80) Gab: C

81) Gab: A

82) Gab: C

83) Gab: C

84) Gab: C

85) Gab: C

86) Gab: D

87) Gab: C